

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**Pesquisa científica em saúde: as representações sociais
de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo**

Vivian Guilherme Marques

São Carlos – SP
2019

VIVIAN GUILHERME MARQUES

**Pesquisa científica em saúde: as representações sociais
de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do Título de Mestrado.

Área de concentração: Ciência, Tecnologia e Sociedade

Linha de pesquisa: Dimensões Sociais da Ciência e da Tecnologia

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Niituma Ogata

São Carlos – SP
2019

Guilherme Marques, Vivian

Pesquisa científica em saúde: as representações sociais de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo / Vivian Guilherme Marques. -- 2019.
89 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Márcia Niituma Ogata

Banca examinadora: Maria Lucia Teixeira Machado, Fabricio José Mazocco

Bibliografia

1. Jornalismo Científico. 2. Representações Sociais. 3. Ciência, Tecnologia e Sociedade. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Vivian Guilherme Marques, realizada em 12/03/2019:

Profa. Dra. Marcia Niituma Ogata
UFSCar

Profa. Dra. Maria Lucia Teixeira Machado
UFSCar

Prof. Dr. Fabricio José Mazocco
UNIARA

Para Odair, com um girassol e um copo d'água.

Agradecimentos

Agradeço aos jornalistas que, prontamente, atenderam minha solicitação e reservaram um tempo, tão precioso dentro das redações, para me receber e trocar experiências, que acabaram por se estender ao nosso cotidiano e se tornaram colegas com os quais podemos trocar pautas e fontes.

À minha orientadora Profa. Dra. Márcia Niituma Ogata, que me recebeu de braços abertos e contribuiu, enormemente, com os novos rumos que a pesquisa tomou ao longo do Mestrado.

Aos membros da banca de qualificação e defesa Dra. Maria Lúcia Teixeira Machado e Prof. Dr. Fabricio José Mazocco, pelas valiosas contribuições e leitura atenta ao trabalho.

Aos professores Dr. Cidoval de Moraes Sousa e Dr. Mariana Pezzo, por aceitarem compor a banca de qualificação.

Aos professores da especialização na Unimep, Prof. Dr. Wilson da Costa Bueno e Prof. Marcelo Soares, por despertarem a busca por algo além na academia. Sobretudo, ao professor Wilson pela indicação e um Norte na busca pelo Jornalismo Científico.

Ao Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, que através de seus cursos gratuitos, deu o pontapé inicial para que o desejo do mestrado se desenvolvesse.

À minha querida mãe, por insistir em um mestrado desde que sai da graduação. Por ter incentivado e insistido na importância dos estudos, da educação e da dedicação em tudo que se faz. Por ter acreditado em mim, me amado e apoiado em absolutamente tudo que fiz.

Ao meu querido pai, por todas as vezes que precisei e atendeu, prontamente, sem questionar. Pelas caronas, as viagens à São Carlos, pela torcida, pelo incentivo, pelo investimento e por acreditar em mim e em todas as aventuras que criei.

À minha irmã Vanessa por absolutamente tudo que fez e faz por mim, pelo meu trabalho e pelo meu sucesso. Pela ajuda na pesquisa, pelas indicações de leitura, pelos lanches nos intervalos e pelo sorvete na hora de desespero.

Ao meu irmão Gustavo, pela parceria na profissão, pela amizade, apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) por compartilharem experiências e fazerem parte deste momento tão único. Em especial, à professora Chloe Furnival, que tanto acreditou e incentivou o trabalho.

Às amigas e parceiras de aventuras científicas, as mosqueteiras Carol e Tábita, que fizeram o caminho ser mais suave e divertido.

Ao professor Vinício Martinez, por acreditar, incentivar e motivar a fazer sempre mais.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Políticas e Práticas em Saúde, com qual pudemos trocar experiências e momentos tão valiosos para a composição deste trabalho. Em especial, às amigas Karol, Kemily e Alana, que tanto ajudaram nos momentos de ‘apuro’.

Às amigas de colégio, de vida e de aventuras: Michele, Carol e Sarah. Sem vocês nada disso teria começado.

Às amigas Marcela e Eliana pelo apoio e ajuda em todas as vezes que uma dúvida em inglês aparecia.

Ao amigo Dirceu pela disponibilidade e orientação ajudando na elaboração do primeiro projeto de pesquisa.

Ao chefe-mór Ludmar, pela confiança, pelo apoio, pelo reconhecimento e, sobretudo, por acreditar no meu trabalho e na importância do aprimoramento teórico para a formação de bons profissionais para a imprensa local.

À Laura e Adriel por me apoiarem e me ‘cobrirem’ todas as vezes que me ausentei da redação.

À toda equipe do nosso Centenário Diário do Rio Claro pelo apoio e compreensão nas ausências: Janaína, Lourenço, Murillo, Hércules e Jucinei.

À Neuzeli por ter acreditado em mim e dado a primeira oportunidade no jornalismo e à professora Alba, que tanto me ensinou sobre a ‘arte’ do jornalismo.

Às amigas, companheiras e confidentes: Maira, Marcelinha, Helenice, Thais, Edneia, Valdira, Lara, Lú e Renata.

Aos colegas da doutrina Racionalismo Cristão por todas as irradiações, pensamentos positivos e apoio.

À vó Jacira e à sogra Maria pelas orações e por todo apoio.

Ao meu querido avô Euclides (in memoriam), por ter investido nos meus estudos, acreditado na minha trajetória e apoiado todas as minhas decisões, incondicionalmente.

Aos sobrinhos Pedro e Luiza por trazerem a paz e a alegria nos momentos de estresse.

Ao meu marido, alma gêmea, parceiro de vida e apoiador, Odair, por compartilhar as dores e as delícias do nosso casamento, do nosso trabalho e das nossas descobertas teórico-conservadoras diárias.

“Desvelar o mundo científico construído pela
mídia implica em ajudar as pessoas a
encontrarem um sentido nas aparências para a
formação plena da cidadania.”

Graça Caldas (2011, p.26)

Pesquisa científica em saúde: as representações sociais de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo

Resumo: O jornalista pode ser visto como um formador de opinião, que se refere a propiciar acesso a informação, com um papel importante sobre a divulgação de temas relativos à pesquisa científica no Brasil. O objetivo geral é analisar as Representações Sociais da pesquisa científica em saúde de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo à luz do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e da Comunicação Pública da Ciência, pois a forma como constroem e compartilham suas representações da pesquisa determina a sua atitude perante ela e como a divulgam em suas matérias jornalísticas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo e com referencial teórico-metodológico baseado na Teoria das Representações Sociais. Foram realizadas entrevistas com um grupo de dez jornalistas, que ocupavam o cargo de chefe de redação em mídia impressa e/ou televisionada, de quatro municípios da região central do Interior do Estado de São Paulo, caracterizada pela importante produção científica, na qual se encontram universidades públicas e institutos federais. Os resultados demonstraram um perfil dessas redações pesquisadas: formada por poucos jornalistas; não segmentados por editorias; chefiada majoritariamente por homens; graduados em comunicação; com formação em ensino particular; que priorizam o valor-notícia de 'Proximidade'; que enfatizam temas relativos a saúde e possuem uma visão essencialista e triunfalista da ciência. A análise dos dados utilizou-se da análise de conteúdo, sistematizada pelo software IRAMUTEQ, formando cinco classes, subdividas em dois grandes temas: A) Concepções sobre pesquisa – que traz as concepções dos entrevistados sobre a pesquisa em saúde ou pesquisas de forma geral; sobre como é feita (o que é), para quem é feita (quem se beneficia com ela) e para quê é feita (para quê serve) a pesquisa científica; B) Comunicação da ciência - traz a temática da divulgação sobre pesquisa científica, ou mais especificamente, sobre como é a relação dos jornalistas com os pesquisadores; e sobre quando a pesquisa é pauta ou tem relevância para se tornar um assunto para o jornalismo. A análise dos resultados observou que, para esses jornalistas, a representação social da pesquisa científica em saúde permeia questões relacionadas à visão clássica da ciência, confirmada pelas crenças sobre a autoridade dos pesquisadores, cientistas e médicos; e também pela importância da ciência para cura e tratamento de doenças. Essa visão não corrobora os preceitos do movimento CTS que objetiva uma reflexão à academia tradicional sobre a Ciência & Tecnologia, buscando promover uma nova visão que considera essencial para que o trabalho científico esteja socialmente contextualizado e a importância da mídia para a divulgação dessas pesquisas, sendo um elo de ligação com a sociedade. A pesquisa traz apontamentos para a compreensão de como a C&T precisa ser melhor apresentada aos jornalistas: como a inclusão de disciplina CTS na grade curricular; além de promover um estreitamento entre imprensa e universidade. Ao passo que, o pesquisador também tem seu papel preponderante nesse processo ao facilitar o acesso a informação; ofertar sugestões de pauta que atendam às necessidades da imprensa; e conhecer o cotidiano de uma redação.

Palavras-chave: Jornalismo Científico; Representações Sociais; Comunicação Pública da Ciência; Ciência, Tecnologia e Sociedade; Pesquisa Científica em Saúde.

Health Scientific Research: the social representations of journalists from the State of São Paulo

Abstract: The journalist can be seen as an opinion maker, who refers to providing access to information, with an important role on the dissemination of topics related to scientific research in Brazil. The general objective is to analyze the Social Representations of the scientific research in health of journalists from the State of São Paulo in the light of the field of Science, Technology and Society (CTS) and the Public Communication of Science, since the way in which they construct and share their representations of the research determines their attitude towards them and how they spread it in their journalistic materials. It is an exploratory research, of qualitative character and with theoretical-methodological reference based on the Theory of Social Representations. Interviews were conducted with a group of ten journalists, who held the position of editor in print and / or television news media, from four municipalities in the central region of the State of São Paulo, characterized by the important scientific production, in which public universities and federal institutes. The results showed a profile of these essays researched: formed by few journalists; not segmented by publishers; headed mainly by men; graduates in communication; with training in private education; which prioritize the news value of 'Proximity'; which emphasize health issues and have an essentialist and triumphalist view of science. The analysis of the data was based on the content analysis, systematized by the IRAMUTEQ software, forming five classes, subdivided into two main themes: A) Conceptions about research - which brings the conceptions of the interviewees about health research or research in general; about how is done (what it is), for whom is made (who benefits from it) and for what is done (for what it serves) scientific research; B) Communication of science - brings the theme of scientific divulgation, or more specifically, about the relationship between journalists and researchers; and about when the research is agenda or relevant issue to becoming a subject. The analysis of the results observed that, for these journalists, the social representation of scientific research in health permeates questions related to the classical view of science, confirmed by the beliefs about the authority of researchers, scientists and physicians; and also for the importance of science for healing and treatment of diseases. This view does not corroborate the precepts of the CTS movement that aims at a reflection on the traditional academy on Science & Technology, seeking to promote a new vision that considers essential for scientific work to be socially contextualized and the importance of the media for the dissemination of these research, being a link with society. The research brings notes to the understanding of how S&T needs to be presented to journalists better: such as the inclusion of CTS discipline in the curriculum; besides promoting a narrowing between press and university. Whereas, the researcher also has its preponderant role in this process by facilitating access to information; offer suggestions of agenda that meet the needs of the press; and to know the daily life of an essay.

Keywords: Scientific Journalism; Social Representations; Public Communication of Science; Science, Technology and Society; Health Scientific Research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de déficit da Comunicação Pública da Ciência.....	29
Figura 2 – Caracterização da Difusão Científica.....	30
Figura 3 – Valores-notícia compilados por Silva referentes a diversos autores.....	36
Figura 4 – Proposta de Silva para classificação de valores-notícia.....	37
Figura 5 – Faixa etária dos participantes.....	45
Figura 6 – Tempo de atuação no jornalismo.....	45
Figura 7 – Formação dos entrevistados.....	46
Figura 8 – Termos Básicos para uso do IRAMUTEQ.....	49
Figura 9 – Classes geradas após processamento pelo IRAMUTEQ.....	50
Figura 10 – Distribuição dos ST em cada classe pelo IRAMUTEQ.....	51
Figura 11 – Detalhamento das classes pela pesquisadora.....	51
Figura 12 – Nuvem de palavras da Classe 1.....	54
Figura 13 – Nuvem de palavras da Classe 3.....	56
Figura 14 – Nuvem de palavras da Classe 4.....	58
Figura 15 – Nuvem de palavras da Classe 2.....	61
Figura 16 – Nuvem de palavras da Classe 5.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANJ	Associação Nacional de Jornais
ALCESTE	Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte
CEP	Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos
CPC	Comunicação Pública da Ciência
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
C&T	Ciência e Tecnologia
DC	Divulgação Científica
IC	Iniciação Científica
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
JC	Jornalismo Científico
PCT	Política de Ciência e Tecnologia
PPC	Percepção Pública da Ciência
RS	Representações Sociais
ST	Segmento de Texto
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS	Teoria das Representações Sociais
UCE	Unidade de Contexto Elementar
UCI	Unidade de Contexto Inicial
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USF	Unidade de Saúde da Família
USP	Universidade de São Paulo
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba

Sumário

Apresentação	14
Introdução	17
Justificativa.....	22
Objetivo Geral.....	23
Objetivos específicos.....	23
1. O campo CTS	24
2. Comunicação Pública da Ciência	27
3. Difusão Científica	29
4. Jornalismo Científico	31
4.1. A C&T como pauta.....	35
4.2. A saúde na cobertura jornalística.....	38
5. Teoria das Representações Sociais	40
6. Percurso metodológico	43
6.1. Local de estudo.....	43
6.2. Participantes.....	44
6.3. Coleta de dados.....	46
6.3.1. Entrevistas.....	47
6.3.2. Ética em pesquisa.....	47
6.4. Análise dos dados.....	48
7. Resultados de pesquisa	50
7.1. Apresentação dos resultados da pesquisa.....	50
7.2. Concepções sobre pesquisa (classes 1, 3 e 4)	52
7.3. Acesso a informação (classes 2 e 5)	59
8. Discussão dos resultados	63
Considerações finais	69
Referências bibliográficas	72
Apêndices	80
Anexos	86

Apresentação

O universo jornalístico já estava em mim muito antes que pudesse compreender o que era comunicar. Ainda muito pequena, aos dez anos, contribuí com um pequeno texto para o jornal da escola em homenagem ao Dia das Mães, o que foi comemorado por toda a família. Aos 15, comecei a redigir informativos para um fã-clube [da banda Silverchair] de que fazia parte. Dois anos depois, os informativos se tornaram fanzines, com tiragem de mais de 300 cópias mensais e distribuição nacional. Apesar de todo o ofício já se tratar de uma produção jornalística, já que, estava sob minha responsabilidade pautar, escrever, editar e diagramar, todo o conteúdo do fanzine, compreensão de que aquilo era um jornal/revista impresso ainda estava muito distante.

Apesar disso, o universo da comunicação sempre me encantou e foi o que me levou a prestar vestibular em Comunicação Social - Rádio e TV, na Unesp/Bauru. Apesar da aprovação no curso, minha condição financeira à época inviabilizou a ida para a universidade pública, um estigma bastante comum no começo dos anos 2000, quando ainda inexistiam ou eram pouco divulgados os subsídios tais como bolsa e moradia.

Com essa impossibilidade, passei a procurar algum curso próximo a minha cidade e no qual conseguisse bolsa de estudos. Nesse caminho, o gosto pela escrita me levou até o curso de Letras – Licenciatura Plena em Português/Inglês, no Claretiano Faculdade. Durante essa minha primeira graduação, ingressei no Programa de Iniciação Científica, desenvolvendo trabalho na área de Análise de Discurso e Semiótica, com embasamento nas teorias de Bakhtin, concluindo a IC em 2004, com o título: “Uma leitura crítica da obra: ‘Com meus olhos de cão’ de Hilda Hilst”. Nesse percurso continuei a editar fanzines, mas com temáticas variadas, principalmente, voltadas para o movimento feminista.

Para divulgar o fanzine, criei um festival de música, que teve início em 2003, o Festival Rock Feminino. Com o objetivo de divulgar a programação do evento, comecei a escrever pequenos boletins, que encaminhava a um grupo de e-mails e também enviava por escrito às redações de jornais da região. Já atuando em minha área de formação, dando aulas no Colégio COC, ingressei na segunda graduação, em Publicidade e Propaganda, também no Claretiano Faculdade.

Foi então que uma jornalista de Rio Claro me procurou para saber quem escrevia os boletins encaminhados à imprensa com os dados do festival de música que eu organizava. Para minha surpresa, os tais 'boletins' tinham um nome técnico e se chamavam 'releases'. Fui chamada para uma entrevista de emprego para revisora no Jornal Regional. Em menos de um mês trabalhando no semanário, já estava editando textos e escrevendo matérias.

Dentro da redação do JR, onde trabalhei por três anos, aos poucos, comecei a exercer a função de repórter, pauteira, editora e, posteriormente, jornalista responsável. Sentindo a falta de aportes teóricos para exercer a função, cursei a Especialização em Jornalismo Contemporâneo (Unimep) e diversos cursos de curta duração voltados para a temática. Saindo do jornal impresso, tive uma breve incursão em assessoria de imprensa, retornando ao impresso, dessa vez, no Jornal Cidade de Rio Claro, onde atuei por sete anos como repórter. E, na sequência, assumindo a função de chefe de redação do Diário do Rio Claro, segundo jornal mais antigo em circulação no Brasil.

Nos mais de dez anos em que atuo na mídia impressa da cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, vários questionamentos surgiram, entretanto, um deles se destacou por diversas vezes em situações cotidianas: o desconhecimento sobre o que era feito e/ou produzido dentro das universidades públicas, principalmente as localizadas na região. Ao preparar pautas ou empreender reportagens, a questão era a mesma: qual professor da universidade tem aportes para falar sobre determinado assunto? Algum aluno está estudando isso? Quais tecnologias são desenvolvidas dentro da universidade? Como chegar até eles? As perguntas sempre ficaram sem resposta. Na maioria das vezes, as fontes eram supridas com informações do Poder Público ou de pesquisas internacionais já divulgadas nos meios de comunicação nacional.

A ideia de transformar tais questionamentos em uma pesquisa de mestrado se deu com o curso online de Jornalismo de Dados, desenvolvido pelo Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, em parceria com a University of Texas at Austin, Estados Unidos. Apresentei o trabalho final de conclusão do curso e meu projeto foi um dos oito escolhidos para participar do I Seminário de Jornalismo de Dados, realizado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e a empresa Google. Além de apresentar o trabalho no Seminário, participei de debates com jornalistas de grandes conglomerados de mídia, como o Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Valor Econômico, entre outras.

Uma das sugestões abordadas durante o Seminário foi a possibilidade de estreitar a relação entre a academia e o jornalismo, visto que, a maior parte dos jornalistas ali presentes relataram a dificuldade na comunicação com a academia. A proposta foi lançada e despertou o meu interesse pela Divulgação Científica, o que já vinha sendo pensado desde a especialização na Unimep, quando das aulas ministradas pelo professor Wilson Bueno. Sempre um grande incentivador do Jornalismo Científico, foi por indicação do professor Wilson que prestei a prova de mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade, na Universidade Federal de São Carlos.

O caráter interdisciplinar do programa possibilitou meu ingresso na linha 1, que estuda as 'Dimensões sociais da Ciência e da Tecnologia'. No processo das aulas e da orientação da prof. Dra. Márcia Niituma Ogata, minha proposta inicial de projeto foi se aprimorando. Após as aulas da disciplina 'Identidade e Representações Sociais - aportes teóricos e metodológicos para a compreensão das dimensões sociais e intersubjetivas na ciência e tecnologia', percebi que a metodologia proposta seria um interessante referencial para embasar minha pesquisa, que, anteriormente, focava apenas a questão de buscar novas formas para a Divulgação Científica.

Com os estudos sobre Comunicação Pública da Ciência e Representações Sociais, percebi que antes de pensar novas formas no comunicar, era preciso compreender como se dá o processo de comunicação e recepção dos jornalistas, ou seja, como representavam a pesquisa científica. E, ainda, como representam a pesquisa científica em saúde, já que, segundo pesquisas (BRENTANI et al., 2011) (A CIÊNCIA, 2017), é o segmento que mais desperta a atenção da população, além de ser a temática que mais demanda a atenção dos jornalistas que buscam divulgar a ciência.

Trabalhar na imprensa local e ter contato com demais profissionais da área possibilitou uma proximidade que facilita a pesquisa. As evidências empíricas foram as disparadoras desse problema de pesquisa, buscando respostas a partir dos conceitos de Comunicação Pública da Ciência, Representações Sociais e do campo CTS.

Após esta breve apresentação, a dissertação está estruturada da seguinte forma: introdução com algumas reflexões, objetivos e pergunta de pesquisa; referencial teórico sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade, Comunicação Pública da Ciência, Difusão Científica, Jornalismo Científico e saúde e Teoria das Representações Sociais. Em seguida, apresenta-se o percurso metodológico, apresentação dos resultados, discussão e algumas considerações finais do estudo.

Introdução

O investimento em ciência, tecnologia e pesquisas no Brasil vem sofrendo reduções desde 2010 (COMO OS CIENTISTAS, 2017). Sendo que o ano de 2017 foi o que recebeu o menor orçamento – destinado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – nos últimos doze anos. O corte de 44% no orçamento em 2017, o cancelamento do programa Ciência Sem Fronteiras em algumas modalidades (MEC, 2017) e o debate sobre a possível privatização do Ensino Superior Público marcam a fragilidade das Políticas de Ciência e Tecnologia (PCT) e, sobretudo, a pouca relevância desses tópicos para a administração pública e para a população de forma geral.

Essa falta de investimento no setor expõe o sucateamento das instituições de pesquisa, que pode ser motivado, tanto pelo desconhecimento da importância da Ciência e da Tecnologia, como mola propulsora para o desenvolvimento econômico e político, quanto pela intencionalidade em manter um país sob a dominância de outros. Ou, pelo desconhecimento das tecnologias sociais, que diferentemente da noção mais corriqueira de produtos inovadores, abriga também ações para o desenvolvimento de tecnologias para a solução dos problemas sociais, nos quais se enquadram também a Saúde (DAGNINO et al., 2004), ou, ainda, pela desvalorização, já que, as tecnologias sociais remetem a tecnologias que promovem a autonomia dos sujeitos, geração de emprego e renda, diminuição de iniquidades.

Nesse processo, o jornalista, pode ser visto como um formador de opinião, que se refere a propiciar acesso a informação para promover o desenvolvimento social, com um papel importante sobre a divulgação de temas relativos à pesquisa científica no Brasil, destacando a produção e dando visibilidade ao que é desenvolvido dentro das universidades públicas e seus benefícios diretos ou adjacentes à população. Quanto como um formador de opinião que divulga informações a fim da manutenção do status quo de grupos dominantes economicamente ou politicamente.

Porém, como destacou Caldas (2000, p.8), “por desconhecimento da história da ciência, das relações de poder que envolvem a área, os jornalistas raramente discutem a política pública para a área de ciência e tecnologia”. Sendo que, segundo a autora, os jornalistas não propõem uma reflexão sobre o modelo brasileiro de políticas públicas em C&T e apenas destacam os recursos destinados à área. Isso expõe que ainda há um

abismo entre a produção científica e a Divulgação Científica, com vistas à informar e formar o público, conforme o objeto do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).

O movimento CTS traz como pressuposto reconhecer a Ciência e a Tecnologia como um processo social, com suas limitações e responsabilidades. Nesse processo, é preciso estimular o pensamento crítico e incentivar a educação tecnológica, destacando a interdisciplinariedade do tema, que envolve toda e qualquer pesquisa e desenvolvimento em C&T. Como destacou Bazzo et al. (2000, p.4), “para atingir toda a sociedade, é importante dirigir tais estudos aos jornalistas científicos e ao público em geral, sendo este receptor de comunicação em ciências e tecnologia através da mídia”.

Entretanto, a maior parte dos jornalistas que divulgam a ciência, identificam seu papel apenas como um tradutor de “‘complexos conteúdos’ da produção científica contemporânea” (TEIXEIRA, 2002). Em pesquisa feita com mais de 70 jornalistas (MASSARINI et al, 2013, p.122), “pouco menos da metade dos participantes (43,7%) afirmou que a principal função do jornalista de ciência é informar; 31% descreveram seu papel como traduzir material complexo para uma linguagem mais acessível”.

Em face aos resultados dessa pesquisa, podemos apontar uma problemática: o jornalista de ciência não se vê como um formador de opinião. Ainda que a maior parte tenha uma visão de sua função como ‘informar’, é preciso retomar o conceito destacado por Adghimi (2002), que mostra a transformação do termo ‘notícia’ para ‘informação’, de ‘leitor’ para ‘usuário da informação’, de ‘jornais’ para ‘informadutos’. Isso ainda nos anos 1980, o que se intensificou em tempos de internet. Segundo a autora, a exigência da rapidez na produção transformou a “produção do jornalismo como mercadoria de fábrica” (p.140).

Como um produtor de informação, o jornalista de ciência não enxerga sua função como formador de opinião, apesar da Divulgação Científica “ser uma atividade principalmente educativa”, como apontou Melo (2012, p.21). Ainda, segundo Caldas (2000, p.23), a população “mais do que ser informada sobre os resultados da CT&I precisa desenvolver sua capacidade crítica e analítica para a tomada de decisões”.

Portanto, é grande a responsabilidade da mídia, de jornalistas e cientistas para a construção de uma cultura científica, com vistas a alimentar a população para uma participação ativa na formulação e decisões da política científica (CALDAS, 2011), como preconiza o objeto do campo CTS. Ressalta-se que “as investigações das relações estabelecidas entre ciência, tecnologia e sociedade vêm se desenvolvendo em três

direções, distintas e complementares: no âmbito da pesquisa, no âmbito da política pública e no âmbito da educação CTS” (PEDRO; SOUSA; OGATA, 2018, p.98).

Com base em evidências empíricas, a partir do trabalho em redações de jornais impressos no interior paulista, foi possível perceber a dificuldade na abordagem de temas científicos nas reportagens cotidianas, principalmente, devido a três quesitos: linguagem (de difícil compreensão, com termos particulares ao campo e falta de objetividade); tempo (escasso para aprofundamento e estudo dos assuntos relativos à pesquisa científica); e espaço (reservado prioritariamente para editoriais de segurança, política e esportes).

Tais evidências empíricas podem ser reforçadas por apontamentos científicos diversos, dentre os quais os apontamentos de Traquina (2018a). A questão da linguagem é identificada por Brotas (2011), que enfatiza a quantidade de trabalhos acadêmicos desenvolvidos com o objetivo de estudar os problemas de linguagem, buscando “compreender e apontar soluções para a melhor ‘tradução’, de modo a criar estratégias que permitissem ao jornalista falar com maior clareza dos resultados das pesquisas” (p.140). Conforme Sisan (2011, p.212), é evidente a “dificuldade dos jornalistas em transformar textos densos em leituras mais acessíveis”.

A questão do tempo é tratada por diversos pesquisadores que estudam as novas relações de trabalho no campo jornalístico, sobretudo, a precarização no setor com o advento da internet (BERTOLINI, 2015). Como apontou Mick (2013), nos últimos dez anos, com o avanço das tecnologias digitais, a profissão se aproximou mais da precarização, forçando o profissional a ter perfil multimídia (faz trabalhos para mais de uma plataforma ao mesmo tempo) e multitarefa (concilia tarefas que antes competiam a profissionais específicos). Segundo Salaverría (2005), além de elaborar uma reportagem, as exigências se agravaram devido a agilidade com que o conteúdo deve ser produzido e com a multiplicidade de abordagens do ambiente digital, como a instantaneidade, a interatividade e a multimidialidade.

Adghimi (2002) relatou esse processo ainda no início dos anos 2000, exemplificando que a necessidade de informação rápida exigia novas habilidades do jornalista, em uma época em que ainda eram poucos os sites noticiosos. Dessa forma, “o ritmo das rotativas dificulta se pensar a realidade em sua complexidade histórica” (DA COSTA, 2007, p.609).

O tempo está intrinsecamente ligado ao espaço, como mostrou Da Costa (2007, p.587) ao escrever que “com o processo de racionalização na construção da notícia, que

valoriza o ‘utilitário’ e o circunstancial, as leituras apressadas, as editorias de educação, ciência e tecnologia, meio ambiente e cultura, cada vez mais ficam marginalizadas”.

Neste sentido, a questão que levantamos é: qual a importância da pesquisa científica para os jornalistas e, especialmente, sobre a pesquisa científica em saúde? E, afinal, o que é pesquisa científica para os jornalistas? Pois, assim como não há neutralidade na ciência, não há neutralidade na Divulgação Científica. “Os jornalistas tendem a inserir sua representação social de um determinado assunto em sua reportagem” (BRAGA; CIRINO, 2015, p.27). A forma como o jornalista representa socialmente a pesquisa científica determina a sua atitude perante ela, ou seja, a forma como ele a divulga/representa em suas matérias jornalísticas.

Na escolha de uma notícia que será veiculada na imprensa, já há opinião, além da informação. O que pode ser confirmado até mesmo em manuais de redação, como o Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo (1998, p. 19): “Objetividade – Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”.

Considerando o conceito de ideologia, abordado por Althusser (1985, p.42), no qual “não existe prática senão através de e sob uma ideologia”, vale ressaltar o caráter ideológico dos discursos, pois, ainda que busquem um modo de expressão neutro, reafirmam valores culturalmente estabelecidos, principalmente quando se considera um veículo de comunicação como “um lugar de poder”, um aparelho ideológico de Estado, formador de opinião (ALTHUSSER, 1985, p.68).

Ou, ainda, conforme Pierre Bourdieu (1997), os jornalistas partilham estruturas invisíveis, como “óculos”, que possibilita ver algumas coisas e outras não, dessa maneira, fazem uma construção do que é selecionado, constroem o que deve ser notícia, o que deve compor o pano de fundo da ‘realidade’ vivida. Dessa forma, os membros da comunidade de profissionais partilham uma maneira de ver, agir e falar: o “jornalês”.

Por outro lado, são esses mesmos jornalistas, os responsáveis por pautar a agenda pública e suscitarem os temas de destaque nacional. Os jornalistas são os ‘gatekeepers’¹, sobretudo, na era em que as ‘fake news’² e a pós-verdade³ imperam nas

¹ Conceito desenvolvido por Kurt Lewin, no qual os jornalistas tal qual um gate keeper (porteiro), desempenham o papel de intervir e escolher o que é considerado como noticiável (CORREIA, 2011), ou seja, quais notícias devem ou não sair de dentro das redações.

² “[...] notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsas, podendo enganar os leitores”. (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 213-214).

Redes Sociais da Internet (RSIs)⁴. Lembrando que, segundo Pesquisa Brasileira de Mídia, de 2017, feita pelo Ibope (BRASIL, 2016), os jornais impressos estão na liderança de confiança dos brasileiros como meio de comunicação, seguidos pela rádio e a televisão.

Da mesma forma, segundo a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida pelo pesquisador Serge Moscovici sua preocupação é com a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano. As Representações Sociais (RS) são construídas para que seja possível assimilar o não familiar. Portanto, são interpretações da realidade, constituídas subjetivamente a partir de um contexto histórico, social e cultural. De acordo com Jodelet (2001, p.5), as Representações Sociais “são o produto e o processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade”.

Conforme Moscovici (1978), todas as interações humanas pressupõem representações, por isso não são criadas por um indivíduo isoladamente, mas partilhadas por um grupo de pessoas que convencionam objetivos, pessoas ou acontecimentos. Dois processos fundamentais na formação de uma RS são: a objetivação e a ancoragem. Sendo o primeiro, a transformação de um conceito em imagem de uma coisa, retirando-o de seu quadro conceitual científico, ou seja, tornando concreto o que é abstrato; e o segundo, é a fase simbólica, que assimila elementos familiares, interpreta e classifica. Portanto, a RS é a construção seletiva do conhecimento do senso comum tendo como referência um conhecimento científico.

Segundo Santos e Ogata (2013, p.58), “a utilização da teoria das RS acarreta amplas contribuições para a instrumentalização de estudos que buscam a transformação social, recorte particular tanto das pesquisas em saúde pública quanto das Disciplinas que se relacionam com o campo CTS”. Por isso, optou-se por utilizar a TRS como subsídio, compreendendo que é pela Representação Social da pesquisa científica em saúde que os jornalistas definem suas ações e estratégias de atuação. O intuito se

³ Segundo o Dicionário Oxford, o termo ‘pós-verdade’, incluído no vocabulário em 2016, quer dizer: “relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (PÓS-VERDADE, 2018).

⁴ “As RSIs são plataformas-rebentos da Web 2.0, que inaugurou a era das redes colaborativas, tais como wikipédias, blogs, podcasts, o YouTube, o Second Life, o uso de tags (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos como no Del.icio.us e de fotos como no Flickr e as RSIs, entre elas o Orkut, My Space, Goowy, Hi5, Facebook e Twitter com sua agilidade para microblogging.” (SANTAELLA, 2010, p. 7).

expande ainda pelo caráter cíclico desse processo: a representação compartilhada pelos jornalistas é propagada pela mídia (meio de comunicação de massa), que amplifica e compõe o contexto para o processo de representação social para outros grupos. Como escreveu Sá (1998, p.71), os meios de comunicação de massa, “além de constituírem importantes fontes de formação das representações no mundo contemporâneo, é neles – na televisão, em especial – que melhor se configura a tendência à concretização das ideias em imagens”.

Justificativa

Optou-se por segmentar o objeto das representações sociais sobre a pesquisa científica em saúde, por compreender que a saúde é o tema que mais desperta o interesse da população (A CIÊNCIA, 2017), portanto, é também o tema mais abordado na imprensa, quando o assunto é pesquisa científica (OLIVEIRA, 2013). Ainda, a opção por segmentar como grupo social jornalistas do interior, se justifica por ser uma região de grande produção científica, na qual se encontram diversas universidades públicas e institutos federais de pesquisa, bem como, por manter a periodicidade diária nos jornais impressos e veiculação de jornal noticioso televisivo em emissora aberta. A delimitação do campo social e objeto de RS se justifica, pois as representações são comuns a um determinado grupo social, em um tempo, espaço específico e em um contexto. Por isso, a teoria aqui empregada, se revela como uma forma de avaliar o pensamento e os registros simbólicos do grupo que se dispõe a pesquisar.

A forma como o jornalista representa socialmente a pesquisa científica determina a sua atitude perante ela, ou seja, a forma como ele a divulga/representa em suas matérias jornalísticas. Portanto, o que se levanta nesta pesquisa, é que as Representações Sociais da pesquisa científica em Saúde permeiam um ambiente cristalizado, com práticas já estabelecidas por um universo consensual nos municípios pesquisados. O jornalista do Interior do Estado de São Paulo vê a pesquisa científica em Saúde como um processo desconhecido e apartado da sociedade, com uma visão bastante próxima ao conceito essencialista e triunfalista da ciência. Conforme conceitos da Comunicação Pública da Ciência, se aproxima ao ‘modelo de déficit’ (LEWENSTEIN; BROSSARD, 2006), no qual a disseminação de informações ao público leigo acontece de forma vertical, sendo que o cientista figura como um indivíduo conhecedor e os demais integrantes da sociedade indivíduos ‘ignorantes’.

Como apontou Medina (2008), o jornalismo moderno também é fruto de uma herança positivista, a “mesma herança que pode levar os jornalistas a ‘endeusarem’ ciência e seus produtos tecnológicos, ratificando uma pretensa racionalidade imutável e uma verdade inquestionável” (BROTAS, 2011, p.136). Ainda, segundo Brotas (2011, p.141), os jornalistas “oferecem uma visão mitificada e utilitarista da ciência”, na qual, a produção científica é vista sempre de maneira benéfica e sem fomentar o debate sobre a não neutralidade da C&T, repensando o impacto de pesquisas e processos para o cotidiano da sociedade. O que leva a pensar que a pesquisa científica em saúde, especificamente, também atende a interesses dominantes das corporações profissionais, das indústrias farmacêuticas e de produtos hospitalares.

Objetivo geral

Analisar as Representações Sociais da pesquisa científica em saúde de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo à luz do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e da Comunicação Pública da Ciência (CPC).

Objetivos específicos

- a. Caracterizar o perfil dos jornalistas da região do Interior do Estado de São Paulo.
- b. Identificar as fontes de informação das pesquisas em Saúde utilizadas pelos participantes.
- c. Analisar as concepções sobre pesquisa científica em Saúde e sua relação com a Divulgação Científica.

Referenciais teóricos

1. O campo CTS

Pensar sobre a relação da sociedade com o desenvolvimento científico e tecnológico foi uma necessidade que surgiu há cerca de 70 anos. Se inovações tecnológicas e científicas são implementadas desde a Antiguidade, foi preciso que tragédias acontecessem para que a sociedade começasse a refletir criticamente sobre os processos de desenvolvimento que influenciavam diretamente a vida das pessoas e do meio em que vivem (CEREZO, 1998).

O processo de mudança no pensamento teve início nos anos 1940, quando começou a se desenvolver o Projeto Manhattan – programa de pesquisa e desenvolvimento que produziu as primeiras bombas atômicas durante a Segunda Guerra Mundial. Um dos pesquisadores do projeto, o físico Jacob Bronowsky, foi quem questionou pela primeira vez a responsabilidade dos cientistas sobre o uso dos conhecimentos que ajudam a produzir e “chamou a atenção para o imperativo de se estabelecer limites éticos ao desenvolvimento científico” (BURSZTYN, 1999).

Outra iniciativa importante foi a institucionalização da Política Científica e Tecnológica (PCT), com a publicação do relatório “Science: the Endless Frontier”, em 1945, por Vannevar Bush, então diretor da Agência de Pesquisa Científica e Desenvolvimento dos Estados Unidos. O documento sistematizou a participação governamental às atividades de pesquisa e desenvolvimento, com o papel de incentivar e nortear investimentos e ações para a Ciência e Tecnologia.

Entretanto, uma ativa reflexão sobre o papel da sociedade no desenvolvimento científico e tecnológico veio a ser instituída no final dos anos 1960 e início dos 1970, com o começo do movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). O impulso foi proporcionado com as revoltas contra a Guerra do Vietnã, que duraram de 1955 a 1975. O período marca também a criação de órgãos e instituições para regular as ações políticas e desenvolvimentistas, como a criação nos Estados Unidos, da Agência de Proteção Ambiental (1969) e do Escritório de Avaliação Tecnológica (1972), iniciativas pioneiras de um novo modelo de gestão política⁵ (CEREZO, 1998), o que se refletiu também para dentro das universidades.

⁵ Anteriormente era desenvolvido um modelo de gestão política de “cheque em branco”, que precisou ser revisada para um modelo que compreendesse a relação com a sociedade, dando entrada ao modelo de gestão de regulação pública da ciência e prestação de contas.

Com o movimento, o que se criticava era a visão essencialista e triunfalista da Ciência e da Tecnologia (C&T), ou seja, quanto mais ciência e mais tecnologia, mais riqueza e mais bem estar para a sociedade (PALACIOS et al, 2001). Neste sentido, há o debate sobre a não neutralidade da C&T, repensando o impacto de pesquisas e processos para o cotidiano da sociedade, além da interferência de outros atores para que seja possível o desenvolvimento da C&T.

Segundo a Teoria Ator-Rede (TAR) de Bruno Latour (2011), existe um processo em que os atores transformam duas coisas diferentes em equivalentes, isto é, uma combinação de objetivos distintos para um combinado, em que há uma carga de interesses dos atores para determinado fim (LATOURE, 2011). Portanto, não existe uma ciência isenta de influências humanas ou materiais, uma ciência absoluta, mas sim, uma construção compartilhada, uma negociação entre cientistas, políticos, empresários, sociedade e até mesmo agentes não-humanos.

Ora, se há tantas interferências diversas na C&T, o movimento CTS traz como pressuposto reconhecer a C&T como um processo social, com suas limitações e responsabilidades (PALACIOS et al, 2001). Nesse processo, é preciso estimular o pensamento crítico, a participação pública e incentivar a educação tecnológica, destacando a interdisciplinariedade do tema, que envolve toda e qualquer pesquisa e desenvolvimento em C&T.

A ciência não é uma atividade neutra e o seu desenvolvimento está diretamente imbricado com os aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais. Portanto, a atividade científica não diz respeito exclusivamente aos cientistas e possui fortes implicações para a sociedade. Sendo assim, ela precisa ter um controle social que, em uma perspectiva democrática, implica em envolver uma parcela cada vez maior da população nas tomadas de decisão sobre C&T (SANTOS; MORTIMER, 2001, p.96).

Segundo Pedro, Sousa e Ogata (2018, p.100), “sob as influências do campo CTS, propõe-se uma mudança de perspectiva da ciência, tanto no aspecto conceitual quanto nas possibilidades de seu aprendizado”. Para os autores, o enfoque CTS representa “uma superação do olhar objetivo-abstracionista que permeou outros, mo(vi)mentos de aprendizado, constituindo-se como um campo de estudo e pesquisa emergente da crítica ao desenvolvimento científico e tecnológico a partir dos anos 1960” (PEDRO; SOUSA; OGATA, 2018, p.100).

Portanto, os estudos CTS têm entre seus objetivos promover a reflexão e a crítica da comunidade em geral em relação à produção científica e, também nesse sentido, como apontaram Franco e Furnival (2013), em relação ao acesso às informações científicas.

Segundo Meadows (1999), a comunicação situa-se no próprio coração da ciência e é tão relevante quanto a pesquisa, pois somente será legítima quando for comunicada e certificada pelos pares. Compreendendo a importância da comunicação para o campo CTS, a presente pesquisa se justifica por entender que somente um sistema de comunicação científica eficaz poderá contribuir para o desenvolvimento da C&T e, portanto, do envolvimento da população nas tomadas de decisão.

Assim, há de se enfatizar a relevância do papel da comunicação científica para que aconteça maior interação entre ciência, tecnologia e sociedade, visto que, somente a ciência contribuirá para o crescimento dos países se ocorrer um sistema de comunicação científica eficaz, do mesmo modo que a sociedade somente irá se integrar aos processos tecnocientíficos através da comunicação (FRANCO; FURNIVAL, 2013, p.126).

Ao compreender a representação social de jornalistas sobre as pesquisas científicas é possível desenhar cenários e esboçar estratégias futuras para que o modelo de comunicação seja mais eficaz.

Bazzo et al. (2003), cita que os estudos do campo CTS se dividem em três direções:

Pesquisa: como reflexão à academia tradicional sobre a C&T, buscando promover uma nova visão que considera essencial para que o trabalho científico esteja socialmente contextualizado;

Educação: com a nova imagem da C&T na sociedade, ela deve se inserir em programas e materiais de CTS no ensino secundário e universitário; e

Política Pública: defende a regulamentação pública da C&T, com a criação de mecanismos democráticos que facilitem a tomada de decisão nas questões relacionadas a políticas científico-tecnológicas.

Desse modo, esta pesquisa se desenvolve no campo da ‘pesquisa’, conforme divisão dos estudos do campo CTS descrita por Bazzo et al. (2003), pois propõe uma visão socialmente contextualizada da atividade científica em saúde, ao se debruçar sobre a comunicação pública da ciência e a Divulgação Científica.

2. Comunicação Pública da Ciência

É famosa a frase de Vessuri (2002), que diz que a ciência que não é comunicada não existe. Quantas teorias, quantas hipóteses, estudos e aparelhos tecnológicos não foram desenvolvidos desde a Antiguidade. Por que conhecemos e estudamos até hoje as teorias de Aristóteles, Platão, Sócrates e Euclides, que desenvolveram seus estudos há mais de 300 anos antes de Cristo? Por que apenas estes, dentre tantos milhares de homens que viveram naquele período ou de teorias que já foram desenvolvidas?

A história é construída a partir do que se conta, do que se comunica e do que é registrado através das civilizações. Portanto, a comunicação é intrínseca à ciência, sem ela, a primeira não existe socialmente (SOUSA et al., 2011).

A comunicação é fundamental para a geração de novos conhecimentos. Quando se trata da construção científica, Le Coadic (1996) faz uma relação cíclica e de dependência entre construção, comunicação e uso, em que podemos entender que uma vez construído um conhecimento científico, este é "comunicado", condição para ser aceito como ciência. Sendo difundido, que por sua vez será disseminado e assim por diante, alimentando um ciclo de geração de novos conhecimentos (MAZOCCO, 2014, p.54).

Para Knorr-Cetina (1995), a comunicação das ciências pode ser descrita em cinco dimensões, sendo elas: a literária; a dimensão epistêmica; a dimensão biográfica; a dimensão coletiva; e a dimensão da comunicação para público leigo. Nessa última, se enquadra a Divulgação Científica, que traz recursos textuais e imagéticos informativos de toda ordem, que, “não chega a comprometer a ciência genuína, mas cria uma outra dimensão: a ciência popularizada” (SOUSA et al., 2011, p. 20). Entretanto, tem função retroativa, a partir do momento que os pesquisadores, em certo ponto, também se informam pela mídia e dela se beneficiam – com a repercussão de um trabalho, que pode trazer ganhos financeiros ou pessoais.

Comunicar ciências, nessa perspectiva, não é apenas dar publicidade, traduzir, reconstruir discursos, projetar o conhecimento, mas, principalmente, sinalizar com possibilidades de redução do fosso que existe entre os que conhecem, produzem conhecimento, e os que não produzem e nem têm acesso, numa tradução vulgar do que disse Vessuri (2002) (SOUSA, et al., 2011, p.20).

Duas tendências de comunicação são problematizadas nos estudos sobre a relação entre ciência e público: uma informativa e a outra reflexiva. Ou seja, uma que segue a linha unidirecional e outra dialógica ou bidirecional: sendo a primeira o processo de comunicação em uma única via, dos cientistas para a sociedade, com enfoque para a disseminação da informação; e a segunda, na qual a participação ativa do público no diálogo e troca de informações com os cientistas é o foco de atenção (FARES; NAVA; MARANDINO, 2007).

A Comunicação Pública da Ciência pode ser entendida a partir de quatro modelos (LEWENSTEIN; BROSSARD, 2006), que vem sendo explorados na literatura, sendo duas de tendência unidirecional e duas dialógicas:

Modelo de déficit: disseminação de informações ao público leigo de forma vertical, na qual o cientista figura como um indivíduo conhecedor e os demais integrantes da sociedade indivíduos ‘ignorantes’, que precisam ser alfabetizados cientificamente. O modelo começou a se destacar a partir da metade do século XIX.

Modelo contextual: semelhante ao modelo anterior, entretanto, valoriza experiências culturais e saberes anteriores do indivíduo, assim como, reconhece o papel da mídia na ampliação dos conceitos científicos. Modelo que passou a ser aceito a partir dos anos 1980.

Modelo de experiência leiga: modelo mais dialógico e democrático, reconhece o conhecimento, saberes e história, assim como, crenças das comunidades. Começa a se destacar a partir dos anos 1990.

Modelo de participação pública: também em uma tendência mais dialógica e participativa, não só reconhece o conhecimento da sociedade, como também valoriza a opinião pública no processo decisório sobre as políticas em ciência e tecnologia. Modelo destacado após os anos 1990.

Ressalta-se aqui o ‘modelo de déficit’, pois, conforme Mazocco e Sousa (2009) é o modelo “que tende a prevalecer no Brasil”. Além disso, segundo a pesquisa aqui desenvolvida, os temas que emergiram em duas das classes de análise dialogam com os conceitos do modelo de déficit. Segundo Lewenstein (2006), este modelo descreve um déficit de conhecimento que precisa ser completado, com a presunção de que depois de preencher o déficit, tudo estará “bem”.

Figura 1 – Modelo de déficit da comunicação pública da ciência



Fonte: Castelfranchi (2008)

Conforme o esquema desenvolvido por Castelfranchi (2008), apresentado acima, no modelo de déficit, o público é visto como passivo e ignorante. A comunicação da ciência acontece de forma linear, com uma clara separação entre emissor (cientista/especialista) e o receptor (público leigo). Nesse processo, a comunicação é realizada apenas para a transferência de conhecimentos, sem que haja reciprocidade, portanto, o conhecimento é transferido sem alterações de um contexto a outro.

3. Difusão Científica

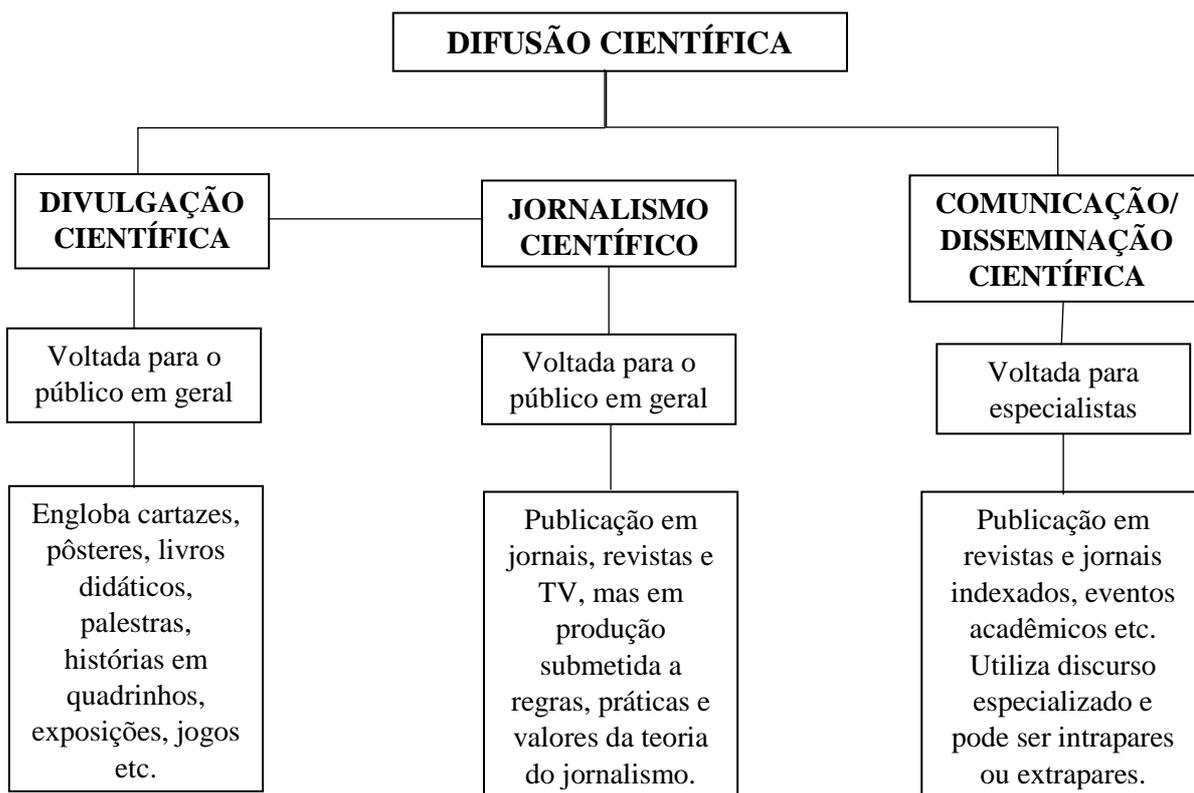
Brotas (2011) e Bueno (1985) tipificam as formas de Difusão Científica, subdividindo-a em: Jornalismo Científico, Divulgação Científica e Comunicação Científica. Os conceitos são descritos de acordo com o perfil audiência para qual estarão destinadas as informações sobre ciência e também a linguagem. Dessa forma, a difusão “será todo e qualquer processo que implique a veiculação de informações científicas e tecnológicas” (BROTAS, 2011, p.137).

A difusão incorpora a Divulgação Científica, a disseminação científica e o próprio Jornalismo Científico, considerando-os como suas espécies. O desdobramento do conceito favorecerá a compreensão de uma vasta tipologia e, ao mesmo tempo, permitirá localizar os diferentes momentos no processo de circulação de informações científicas e tecnológicas (BUENO, 1985, p. 1421).

Sendo assim, a difusão voltada para a comunidade de especialistas e cientistas é chamada disseminação científica ou comunicação científica, seja ela divulgada em revistas, programas televisivos ou jornais; a difusão voltada para o público em geral é chamada Divulgação Científica, muitas vezes denominada de popularização ou vulgarização da ciência, engloba qualquer processo de recodificação de uma linguagem especializada para outra não especializada. A Divulgação Científica não se restringe ao campo da imprensa, pois também inclui outros produtos como histórias em quadrinhos, livros didáticos, panfletos, espetáculos, museus, dentre outras.

A tipificação da Difusão Científica, segundo Bueno (1985) pode ser compreendida da seguinte forma:

Figura 2 – Caracterização da Difusão Científica



Fonte: elaborado pela autora

Cabe ressaltar que o Jornalismo Científico (JC) é enquadrado como um tipo de Divulgação Científica (DC). No conceito de Bueno (1985), Jornalismo Científico e Divulgação Científica são semelhantes, mas diferem, sobretudo, no código. Pois, apesar

de ambos serem voltados para o público em geral, o JC está subordinado às regras, códigos e valores da prática e da teoria do jornalismo.

Acreditamos que os objetivos do jornalista científico e do divulgador científico não são muito diferentes: em termos gerais, ambos se preocupam em transferir aos não-iniciados informações especializadas de natureza científica e tecnológica. Na prática, o que distingue as duas atividades não é o objetivo do comunicador ou mesmo o tipo de veículo utilizado, mas, sobretudo, as características particulares do código utilizado e do profissional que o manipula (BUENO, 1985, p.1422).

O Jornalismo Científico é um segmento do Jornalismo, tem características jornalísticas e está presente nos meios de comunicação de massa, tem normalmente a intermediação de um jornalista, há um trabalho de edição etc. É diferente de uma palestra de divulgação, de um curso para o grande público, de um telecurso etc (BUENO, in: MELO, 2012, p.259).

Ícone da Divulgação Científica no Brasil, José Reis, em 1964 considerava os termos sinônimos e tratados como equivalentes. Entretanto, em obra de 1982, o autor recolocou o Jornalismo Científico como um subconjunto da Divulgação Científica.

4. Jornalismo Científico

Considerando as tipificações elencadas no capítulo anterior, o presente trabalho perpassa o Jornalismo Científico, visto que, foram entrevistados jornalistas que atuam em meios de comunicação de massa, voltados para o público em geral. Portanto, cabe ressaltar, ainda, o papel e a missão do jornalista enquanto interlocutor/mediador entre a produção científica e o público. Pois como apontou Bueno (2010, p.4):

A divulgação da C&T pela imprensa (que ocorre prioritariamente graças ao Jornalismo Científico) incorpora novos elementos ao processo de circulação de informações científicas e tecnológicas porque estabelece instâncias adicionais de mediação. Neste caso, a fonte de informações (cientista, pesquisador ou, de maneira geral, um centro de produção de C&T – universidades, empresas e institutos de pesquisa) sofre a interferência de um agente (o jornalista ou o divulgador) e de uma estrutura de produção (que apresenta especificidades dependendo do tipo de mídia e da sua proposta de divulgação). Habitualmente, tal mediação costuma aumentar o nível de ruídos na interação com o público, comprometendo, inclusive, a qualidade da informação, porque, pelo menos no caso brasileiro, alguns fatores intervêm nesse processo.

Segundo o reconhecido jornalista Carl Bernstein, “a missão do repórter é lançar luz sobre a realidade” (MISSÃO, 2010). Dispor os holofotes sobre uma notícia e levar ao conhecimento do público um fato é o trabalho do jornalista. Do entretenimento à política, do esporte à investigação, cabe ao jornalismo trazer à tona debates e evocar o público à reflexão e conhecimento. Entretanto, em tempos de acesso rápido a informação, devido à internet e redes sociais, sobretudo em um momento em que as ‘fake news’ e a pós-verdade se proliferam, o papel do jornalista vai além do simples comunicar, pressupõe também o educar e orientar, trazendo um norte em meio a um mar de informação (DA SILVA, 2017).

Quando o assunto é ciência e tecnologia, o papel do jornalista torna-se ainda mais preponderante. Segundo Brotas (2011, p.136), “pensar o jornalismo como elemento importante para edificar uma cultura científica democrática e participativa não o retira do esforço coletivo da Divulgação Científica. Entretanto, recoloca de forma mais enfática seu papel em relação à Divulgação Científica”.

É neste âmbito, que se encaixa o Jornalismo Científico. Em franco crescimento no mundo todo, a área é uma necessidade do mundo contemporâneo, que urge por medidas nas áreas do meio ambiente e saúde, ao passo que evolui vertiginosamente na área da tecnologia. Como destacou Oliveira (2002, p.10):

Dizer que ciência e a tecnologia são imprescindíveis para o desenvolvimento de um país, parece hoje senso comum, e está presente até no discurso de grande parte dos políticos. [...] O que nos importa aqui é tratar da necessidade das pessoas, o maior número possível delas dentro de uma sociedade, terem acesso a informações científicas.

A Divulgação Científica existe para mostrar ao cidadão comum o mundo em que ele vive; as ligações complexas que permeiam sua vida simples e que, imperceptivelmente, alteram sua rotina, sua vida, sua saúde e sua família. Nesse processo, é evidente o papel dos meios de comunicação para que o fluxo de informação chegue ao público.

[...] os meios de comunicação desempenham importante papel, pois estão em constante uso pela sociedade, possuem ampla penetração em todas as camadas sociais e são um canal efetivo de divulgação e comunicação com o cidadão, além de, como reforçam Auler; Bazzo (2001), executarem um papel significativo enquanto formadores de opinião, especialmente sobre as interações entre

ciência, tecnologia e sociedade (FRANÇA; HAYASHI, 2013, p.34).

Para Bueno (1984), o que é importante, ao divulgar ciência, é fazer com que o ouvinte, o leitor e aquele que assiste aos programas de televisão, fiquem atentos ao assunto abordado, estejam em sintonia com o que está sendo explicado, de forma que a informação que é repassada se torne um fato comum, um hábito saudável, como é a leitura ou mesmo a escuta da notícia do futebol. Entretanto, apesar de sua importância e crescente presença nos veículos de comunicação, o Jornalismo Científico ainda é ‘minoridade’ na imprensa.

Uma área relativamente nova no jornalismo brasileiro, o primeiro trabalho em JC é datado de 1897, quando Euclides da Cunha cobriu a Guerra de Canudos e, em suas transcrições, trouxe bastante sobre o meio ambiente, geografia e demais características para seus relatos publicados no jornal O Estado de S. Paulo (OLIVEIRA, 2002). Mas somente em 1920, que foi registrado um aumento nas iniciativas de Divulgação Científica (GRYNFOGIEL; LOPES, 2015), sendo que, o grande nome na área – José Reis – começaria a escrever sobre ciência para a Folha de São Paulo em 1947 (MELO, 2012). A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) foi fundada em 1948. A primeira tese em Jornalismo Científico defendida no Brasil foi em 1984, com Wilson da Costa Bueno.

Mais de 70 anos depois da estreia de José Reis na imprensa, o JC registrou certa expansão, como aponta Veras Júnior (2005), entretanto ainda tímida e, cada vez mais, segmentada. Ao passo que, revistas voltadas especificamente para assuntos ligados a tecnologia, ciência e saúde se tornaram mais comuns; editoriais e jornalistas específicos para a temática são mais esporádicos e podem ser encontrados somente em grandes jornais ou conglomerados de mídia, à exemplo do Estado de São Paulo e Folha de São Paulo⁶ (GRYNFOGIEL; LOPES, 2015).

As dificuldades para a abordagem da C&T nos veículos de comunicação são diversas, como as elencadas no livro *Jornalismo Científico & Desenvolvimento Regional* (SOUSA, 2008), que traz relatos e experiências de jornalistas e pesquisadores que apresentaram trabalhos no I Encontro Norte-Nordeste de Jornalismo Científico, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para citar apenas alguns elementos

⁶ Ressalta-se aqui que, dos jornais que integram a pesquisa, apenas um deles possui uma página específica semanal para Ciência e Tecnologia.

agravantes, Silva (in: Sousa, 2008) além de ressaltar a falta de tempo ou espaço para cobertura do Jornalismo Científico, enfatiza a dificuldade em pautar o JC.

Dessa forma, os questionamentos são: por que e para quem divulgar ciência? Segundo Oliveira (2002, p.13), o interesse em divulgar ciência está estreitamente ligado ao “exercício dos poderes e das liberdades democráticas”, visto que, é de interesse do público – envolvidos na eleição dos representantes governamentais – conhecer a atuação e promessas das plataformas políticas.

C&T tem consequências comerciais, estratégicas, burocráticas e igualmente na saúde pública; não nas margens, mas no âmago desses componentes essenciais do processo político. Democracia participativa requer cultura científica do eleitorado, para que este seja capaz de apoiar, ou não, as propostas e decisões de seus representantes (OLIVEIRA, 2002, p.13).

Para que aconteça esse processo de formação do público, o divulgador de ciência deve, antes de tudo, reconhecer seu papel como formador de opinião. “São características intrínsecas ao Jornalismo Científico a alfabetização científica, a transmissão de valores, o fortalecimento da cultura nacional, a educação objetiva, criativa e participativa” (PENA, 2005, p. 109).

Além disso, Bueno (2010) destaca a necessidade de compreender o diálogo necessário com o público para a alfabetização científica, fugindo da concepção presenteísta e reducionista de ciência, visão difundida pelo Modelo de Déficit, se aproxima das propostas do movimento CTS.

Isto significa que ela [alfabetização científica] não pode se limitar à enunciação do que acontece no presente, mas contextualizar dados, fatos e resultados de pesquisa de modo a garantir sua temporalidade, o desvelamento de intenções e de oportunidades para sua produção e aplicação. Além disto, não deve associar C&T apenas com a expressão desinteressada e descomprometida do talento humano, mas vinculá-las a interesses, aos que as patrocinam e nelas investem para obter lucros, quando não para consolidar privilégios e monopólios. Em outras palavras, a alfabetização científica, que deve estar prevista na Divulgação Científica, não pode servir de instrumento para distanciar os que produzem C&T do cidadão comum. Ao contrário, precisa abrir espaço para aproximação e diálogo e, inclusive, convocar pessoas para debates amplos sobre a relação entre ciência e sociedade, ciência e mercado, ciência e democracia (BUENO, 2010, p.8).

Entretanto, com base nas entrevistas empreendidas no presente trabalho, os jornalistas replicam a visão essencialista e triunfalista da ciência, não compreendem seu papel como mediador e a necessidade de uma cobertura contextualizada e ampla da ciência.

4.1. A C&T como pauta

Por que, diariamente, a capa dos principais jornais do Brasil repetem as mesmas manchetes? Por que o telejornal do horário nobre insiste em uma mesma temática por um, dois, ou até dez dias? Por que uma matéria recebeu um tratamento extenso em duas páginas do jornal impresso e a outra apenas uma nota no canto da página? Ou, por que determinado assunto ganhou tanta notoriedade e outro nem ao menos foi lembrado?

Para responder a esses questionamentos, há alguns ditados que circulam entre os profissionais da imprensa [e até mesmo citados pelos jornalistas entrevistados na presente pesquisa] que enfatizam o inusitado como um critério para determinar o que é um assunto passível de se tornar uma notícia: *“Um cachorro morder um homem não é notícia, mas um homem morder um cachorro é notícia”* (ind_01); *“Um avião voando não é notícia, um avião caindo é notícia”* (ind_08).

O inusitado e a raridade são apenas alguns dos valores-notícia que determinam o chamado critério de noticiabilidade dos *media*. Para Traquina (2018a), as notícias são como uma “construção” social, “o resultado de inúmeras interações entre diversos agente sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação” (p.28).

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (“newsworthiness”) (TRAQUINA, 2018b, p.61).

Diversos autores, ao longo das últimas décadas, têm estudado os critérios de noticiabilidade. A teoria do Newsmaking, de Wolf (1994), que discute a noticiabilidade aborda também a rotina dos profissionais da imprensa e o senso comum das redações; a crença de que todo jornalista sabe distinguir o que é notícia ou não. Segundo o autor, há uma série de ações que influenciam na determinação do que é ou não notícia, tais quais:

ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural, ação do meio físico e tecnológico, ação histórica.

Silva (2005), propôs uma sistematização desses critérios, com base em levantamentos feitos por diversos autores e localizando critérios comuns a estes pesquisadores.

Figura 3 – Valores-notícia compilados por Silva referentes a diversos autores

Stieler: novidade, proximidade geográfica, proeminência e negativismo.
Lippman: clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal.
Bond: referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que provoca indignação (injustiça); grandes perdas de vida ou bens (catástrofe); consequências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grande quantia de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato (crime/violência).
Galtung e Ruge: frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo.
Golding-Elliott: drama, visual atrativo, entretenimento, importância, proximidade, brevidade, negativismo, atualidade, elites, famosos.
Gans: importância, interesse, novidade, qualidade, equilíbrio.
Warren: atualidade, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e consequências.
Hetherington: importância, drama, surpresa, famosos, escândalo sexual/crime, número de pessoas envolvidas, proximidade, visual bonito/atrativo.
Shoemaker et all: oportunidade, proximidade, importância/impacto, consequência, interesse, conflito/polêmica, controvérsia, sensacionalismo, proeminência, novidade/curiosidade/raro.
Wolf: importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas, relevância quanto à evolução futura.
Erbolato: proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura/conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial, oportunidade, dinheiro, expectativa/suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas/invenções, repercussão, confidências.
Chaparro: atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade, surpresa.
Lage: proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo, identificação humana.

Fonte: Gislene Silva (2005)

A partir deste levantamento, Silva (2005) propõe uma tabela operacional para compreender, classificar e identificar quais são os critérios noticiosos adotados pelos veículos de comunicação.

Figura 4 – Proposta de Silva para classificação de valores-notícia

IMPACTO: Número de pessoas envolvidas (no fato); Número de pessoas afetadas (pelo fato); Grandes quantias (dinheiro)
PROEMINÊNCIA: Notoriedade; Celebridade; Posição hierárquica; Elite (indivíduo, instituição, país); Sucesso/Herói
CONFLITO: Guerra; Rivalidade; Disputa; Briga; Greve; Reivindicação
ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE: Aventura; Divertimento; Esporte; Comemoração
POLÊMICA: Controvérsia; Escândalo
CONHECIMENTO/CULTURA: Descobertas; Invenções; Pesquisas; Progresso; Atividades e valores culturais; Religião
RARIDADE: Incomum; Original; Inusitado
PROXIMIDADE: Geográfica; Cultural
SURPRESA: Inesperado
GOVERNO: Interesse nacional; Decisões e medidas; Inaugurações; Eleições; Viagens; Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA: Catástrofe; Acidente; Risco de morte e Morte; Violência/Crime; Suspense; Emoção; Interesse humano
JUSTIÇA: Julgamentos; Denúncias; Investigações; Apreensões; Decisões judiciais; Crimes

Fonte: Gislene Silva (2005) – adaptado pela autora

Além desses quesitos, as pautas dependem do interesse do jornalista e, obviamente, das “qualidades duradouras” do que é notícia ao longo do tempo, como apontou Mitchel Stephens: “o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade” (apud TRAQUINA, 2018b, p.91). Essas “qualidade duradouras” podem ser definidas como itens de uma “voz coletiva” da imprensa.

Segundo Pierre Bourdieu, os jornalistas partilham estruturas invisíveis, “óculos”, através das quais veem certas coisas e não outras. O jornalismo acaba por ser uma parte seletiva da realidade. Nesta construção teórica do jornalismo, apontamos que os membros da comunidade profissional partilham não só uma maneira de ver, mas também uma maneira de agir e uma maneira de falar, o “jornalês” (TRAQUINA, 2018a, p.29).

Segundo Traquina (2018a), é a partir dos critérios de noticiabilidade que é gerado um ‘grupo de pensamento’, ou seja, profissionais que partilham “hábitos

mentais”, a existência de um modo de ver, modo de agir e modo de falar, que estabelece um elo de ligação entre os membros do jornalismo. Fenômenos chamados de jornalismo de matilha e *media frenzy* (cobertura massiva e frenética de um acontecimento) (TRAQUINA, 2018^a, p.204).

4.2. A saúde na cobertura jornalística

Neste trabalho, optou-se por segmentar como objeto de análise a pesquisa científica em saúde, pois são diversos os estudos que mostram que a ciência se torna pauta, principalmente, quando envolve a saúde e a biomedicina.

Não somente para os profissionais de imprensa, a saúde é também preferência para o público. Segundo pesquisa “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil” (A CIÊNCIA, 2017), o tema medicina/saúde é o segundo mais atraente para a população brasileira, ficando atrás apenas da temática meio ambiente. Dos participantes da pesquisa, 39% disse estar interessado em assunto de saúde e 42% se declarou muito interessado no tema.

No Estado de São Paulo, conforme dados da pesquisa Percepção Pública da Ciência e da Tecnologia no Estado de São Paulo (BRENTANI et al., 2011), medicina e saúde também figuram como temática favorita, ficando atrás apenas de alimentação e consumo, entretanto por poucos pontos percentuais. Sendo que, 45,5% se diz interessado em medicina e saúde e 34,9% muito interessado. Em alimentação e consumo, 45,8% interessado e 37,5% muito interessado. Na sequência, por interesse em temáticas, aparecem: meio ambiente e ecologia; esporte; ciência e tecnologia; cinema, arte e cultura; economia e empresas; curiosidades sobre a vida de pessoas famosas; astrologia e esoterismo; e, por último, política.

A ciência também aparece como tema de interesse da imprensa, sobretudo, quando engloba a saúde, a biomedicina, o desenvolvimento de novos medicamentos e a cura de doenças. Pesquisa desenvolvida por Grynfoliel e Lopes (2015), que analisou a seção de ‘ciência’ dos websites dos jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, no período de um mês (abril de 2015), confirmou a afirmativa de que a saúde é um tema relevante para a imprensa. Das 126 publicações analisadas, 50% se voltavam para a área do conhecimento em Biológicas, 32,53% para Exatas, 7,14% Engenharias, e apenas 1,59% para Humanas.

No jornal impresso, a saúde também impera quando a C&T é pauta. Estudo de Medeiros, Ramalho e Massarani (2010) analisou a capa de três jornais brasileiros, um

de abrangência nacional (Folha de São Paulo) e dois regionais (Jornal do Commercio, de Pernambuco, e Zero Hora, do Rio Grande do Sul), no período de um ano (em 2006). As Ciências da Saúde se destacam nos três casos, na Folha de São Paulo, por exemplo, das 298 matérias de C&T que ganharam chamada de capa, 30,9% eram das Ciências Biológicas e 26,9% das Ciências da Saúde.

Na televisão, quando a C&T é pauta, a saúde é a área preferida. Pesquisa de Ramalho, Polino e Massarani (2012) que analisou 72 edições do telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo, observou que das 77 matérias de ciência veiculadas no período de junho a novembro de 2013, 44% tratavam sobre medicina e saúde e 12% sobre a área de ciências biológicas. Na TV Record, a cobertura segue a tendência, conforme estudo de Carvalho et al. (2017), que analisou o conteúdo total veiculado pela emissora no período de seis meses (em 2013). Das 847 peças identificadas como relacionadas à C&T, 55,4% delas estavam relacionadas às Ciências Biológicas, e 36,4% relacionadas à Medicina e Saúde.

Por que as pesquisas em saúde ganham mais destaque que as demais? Isso porque jornalistas identificam a temática como prioritária, conforme pesquisa de Bonanno (2015), que entrevistou nove jornalistas que atuavam em veículos como Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Superinteressante, ComCiência e Pesquisa Fapesp. Os profissionais confirmaram que a saúde é um dos temas mais noticiados dentro da área de ciências e tecnologia. “As justificativas deles reforçam a ideia de que existem mais possibilidades de associar o tema ao cotidiano dos leitores” (BONANNO, 2015, p.67).

Além disso, a prevalência dos assuntos abrigados debaixo do guarda-chuva de avanços da pesquisa em saúde, pode ser atribuída à possibilidade de espetacularização da notícia. “O jornalismo de ciência é sensacionalista” (TEIXEIRA, 2002, p.140).

Podemos definir a prática brasileira de comunicação para a saúde a partir de uma série de parâmetros como a descontextualização, a centralização do foco na doença, a visão preconceituosa das terapias e medicinas alternativas, a ideologia da tecnificação, a legitimação do discurso da competência e a espetacularização da cobertura na área médica, entre outros (BUENO, 1996, p.15).

Teixeira (2002) associa o sensacionalismo do tema à busca incessante pelo fim do sofrimento. “A reverência benevolente perante aquele que traz a boa nova do avanço da biomedicina encena nosso desejo de que, sim, a todo sofrimento a descoberta

científica faça corresponder uma pílula, para toda dor se encontre um analgésico” (TEIXEIRA, 2002, p.139).

Nessa busca, a mídia evidencia somente os sucessos das novas técnicas da medicina e saúde, sem problematizar, contextualizar ou ponderar as interferências externas como os interesses e associações que permeiam todo e qualquer desenvolvimento tecnológico (LATOURET, 2011), a não neutralidade da ciência. Dessa forma, dificilmente são procuradas fontes contraditórias – premissa básica do jornalismo em qualquer circunstância.

Por que acontece dessa maneira? Por que os jornalistas de televisão, e também os outros, narram com suspeita fatos da vida política e confiantemente quando se trata da pesquisa em biomedicina? Os jornalistas não inventam nem a suspeita, nem a confiança; diversamente, são *atuados* por elas. A suspeita a respeito de políticos e a confiança em cientistas e em médicos que aplicam a descoberta científica ambas enraízam-se no solo do senso comum; num certo repertório de crenças que, os jornalistas acham, é compartilhado por “todos”. Tais crenças continuam crenças porque não suscitam questões (em primeiro lugar, aos jornalistas – para quem “todos” são o grupo humano que os rodeia); aliás, quando suscitarem, é porque já estarão deixando de ser crenças (TEIXEIRA, 2002, p.137).

Compreendendo que “uma das maneiras pela qual o senso comum se diz é então por meio dos jornalistas” (TEIXEIRA, 2002, p.137), são abordadas no próximo capítulo as Representações Sociais, que são a construção seletiva do conhecimento do senso comum.

5. Teoria das Representações Sociais

Romeno, naturalizado francês, Serge Moscovici ganhou reconhecimento pelo seu trabalho no campo da sociologia do conhecimento em 1961, com *La psychanalyse, son image, son public*, sua tese de doutorado, com reedição revisada em 1976. Em sua trajetória, Moscovici se interessou em compreender como o conhecimento é produzido e, principalmente, analisar seu impacto nas práticas sociais e vice-versa (OLIVEIRA, 2004).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) vem norteando diversos estudos em todo o mundo e “têm influenciado ao longo das últimas quatro décadas pesquisadores tanto na Europa como nas Américas, incluindo o Brasil” (OLIVEIRA, 2004). O que levou Moscovici a estudar as Representações Sociais (RS) foi sua convicção de que o

senso comum necessita ser reabilitado, não pode ser tratado como algo irracional, mas como um importante terceiro fator entre conhecimento científico e ideologia. “Tentei formular uma teoria de comunicação cujo código era a representação normalizada e a atitude, o conhecimento e os itens de opinião eram as formas de mensagens” (MOSCOVICI, 2004, p.316).

Segundo Moscovici⁷ (1978), há um processo interior em cada indivíduo para compreender um fenômeno que desconhece; um processo natural, no qual se busca algo familiar para objetivar em um fenômeno não-familiar, ancorando um conhecimento inexistente em algo existente. “Representar um objeto é, ao mesmo tempo, conferir-lhe o status de um signo, e conhecê-lo, tornando-o significante” (MOSCOVICI, 1978, p.63).

As representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnadas. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro lado, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

Entretanto, nesse processo de objetivar em algo conhecido há também a transformação do novo, levando no processo tudo que se construiu sobre ele, sejam os mitos, crenças e itens que vão definir, a partir disso, as atitudes que serão compartilhadas. “De fato, representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto” (MOSCOVICI, 1978, p.58).

Dois universos de pensamento formam as RS: o reificado/científico e o consensual/senso comum. Sendo que, o reificado é composto de explicações que são imparciais e independentes dos indivíduos, são os ‘puros fatos’, ou, propriamente, no qual a sociedade é transformada em um sistema de entidades, invariáveis, que são indiferentes à individualidade e não possuem identidade (MOSCOVICI, 2004, p.50); já o consensual, é uma negociação e associação mútua, uma memória coletiva, um conhecimento construído em consenso, no qual a sociedade é uma criação visível,

⁷ A inspiração para TRS de Moscovici (2004) foi a teoria das representações coletivas, de Durkheim. Entretanto, a teoria de Durkheim abrangia uma cadeia completa de formas intelectuais, além de serem descritas como estáticas, diferentemente das RS de Moscovici, interpretadas como dinâmicas, assim como a sociedade: dinâmica e heterogênea. Moscovici pensa o indivíduo para o todo, enquanto que Durkheim pensa o todo para o indivíduo.

contínua, permeada com sentido e finalidade, possuindo uma voz humana, de acordo com a existência humana e agindo tanto como reagindo como um ser humano, sendo que, as RS se edificam com mais frequência na esfera consensual (Ibid, p.50).

Portanto, todas as interações humanas pressupõem representações, por isso não são criadas por um indivíduo isoladamente, mas partilhadas por um grupo de pessoas que convencionam objetivos, pessoas ou acontecimentos.

Os grupos são encarados a posteriori de maneira estática, não na medida em que criam e se comunicam, mas enquanto utilizam e selecionam uma informação que circula na sociedade. Em contrapartida, as representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior (MOSCOVICI, 1978, p.50).

Também são dois os processos fundamentais na formação de uma RS: a objetivação e a ancoragem. Sendo o primeiro, a transformação de um conceito em imagem de uma coisa, retirando-o de seu quadro conceitual científico, ou seja, tornando concreto o que é abstrato; e o segundo, é a fase simbólica, que assimila elementos familiares, interpreta e classifica. Portanto, a RS é a construção seletiva do conhecimento do senso comum tendo como referência um conhecimento científico.

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2004, p. 78).

Segundo Ibañez (1988), ao lado dos mecanismos de ancoragem e objetivação, como fonte de determinação das representações sociais, estão o fundo cultural e os meios de comunicação de massa. Ou, como aponta Moscovici, os meios de comunicação de massa funcionam como estabilizadores das RS.

Estamos mais perto da verdade quando aí enxergamos uma troca, graças à qual experiências e teorias se modificam qualitativamente

tanto em seu alcance como em seu conteúdo. Essas modificações são determinadas tanto pelos meios de comunicação (jornais, rádio, conversações etc), como pela organização social do que comunicam (Igreja, Partido etc). A comunicação jamais se reduz à transmissão das mensagens de origem ou ao transporte de informações inalteradas. Ela diferencia, traduzi, interpreta e combina, assim como os grupos inventam, diferenciam ou interpretam os objetos sociais ou as representações de outros grupos (MOSCOVICI, 1978, p.28).

Por isso, a TRS subsidia a análise da tese de que é pela representação social da pesquisa científica em saúde que os grupos definem ações e estratégias de atuação, considerando que na área da saúde, estas representações têm em seu processo muita influência da ciência e tecnologia. Ainda, cabe ressaltar que é através da mídia que as Representações Sociais circulam, portanto, os jornalistas são importantes personagens no processo de “estabelecimento do senso comum” (MOSCOVICI, 2004, p.96).

Como apontou Traquina (2018a) ao abordar as teorias do jornalismo, os jornalistas podem influenciar as pessoas não somente sobre o quê elas devem pensar, mas como devem pensar. “Os atributos enfatizados pelo campo jornalístico podem influenciar diretamente a direção da opinião pública” (TRAQUINA, 2018a, p.205).

6. Percurso Metodológico

Para responder aos questionamentos deste trabalho, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, que tem como escopo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p.41). Com base em seu procedimento técnico, consiste num estudo qualitativo, por ter como característica a interrogação direta das pessoas a fim de solicitar informações acerca do problema estudado, posteriormente, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2002). O referencial teórico-metodológico está baseado na Teoria das Representações Sociais (TRS).

6.1. Local de estudo

O local de estudo são quatro cidades da região central do Interior do Estado de São Paulo. A região central foi escolhida por abrigar, além de jornais impressos e/ou televisionados, diversos campus de universidades públicas e/ou institutos federais. Os municípios escolhidos abrigam as seguintes instituições: Araras [Universidade Federal

de São Carlos – UFSCar]; Piracicaba [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP; Universidade Estadual de Campinas – Unicamp; e Universidade de São Paulo – USP]; Rio Claro [Universidade Estadual Paulista – Unesp]; e São Carlos [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP; Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; e Universidade de São Paulo – USP].

6.2. Participantes

Para a definição dos entrevistados foi feito um levantamento – através de pesquisa realizada na internet e através de rede de contatos – de todas as mídias impressas e televisionadas existentes nas quatro cidades estudadas. Chegou-se ao número de 16 veículos de comunicação. Os participantes foram definidos através de critérios de inclusão e exclusão, tais quais:

Critérios de Inclusão:

- a. Jornalistas que atuam em um veículo de imprensa (impresso ou televisionado), situado em um município da região central paulista que possua, ao menos, uma Universidade Pública e/ou um Instituto Federal de Ensino;
- b. Além da função de jornalista, exercer a função de chefe de redação e/ou pauteiro;
- c. Sujeitos que atuem em jornal em circulação durante todo o ano de 2018.

Critério de Exclusão:

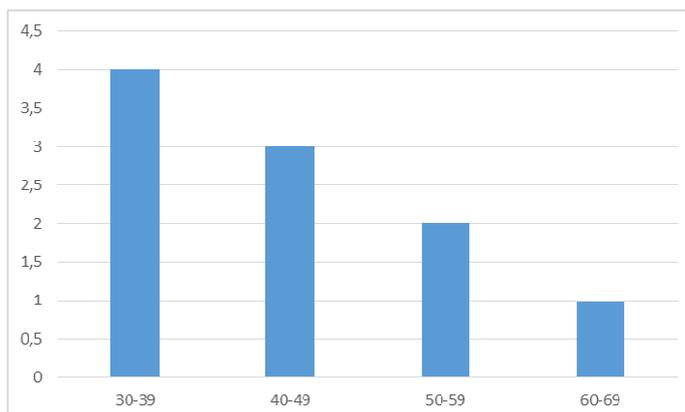
- a. Sujeitos que atuem em veículos de imprensa ligados à academia (como jornais ou canais universitários);
- b. Sujeitos que estiverem afastados do trabalho no período da coleta;
- c. Sujeitos que atuem em jornal com menos de cinco anos de circulação.

A partir deste critério, dos 16 elencados primeiramente, excluiu-se um jornal com menos de cinco anos de circulação/veiculação. Além disso, desde o início do projeto de pesquisa, em janeiro de 2018, até o começo das entrevistas, em outubro de 2018, dois veículos deixaram de circular. Dos 13 restantes, três recusaram a participação, alegando dificuldades de agenda para encontro presencial e realização da entrevista. Perfazendo, portanto, o número de dez jornalistas/chefes de redação de dez

veículos a serem pesquisados. Quatro dos entrevistados trabalhavam em jornais de mídia televisiva e seis em jornais impressos. Apenas dois eram do sexo feminino.

A idade dos participantes foi agrupada por faixa etária, delimitados por um período de dez anos. Foram entrevistados participantes entre 32 e 64 anos, sendo quatro entre 30 e 39 anos, três entre 40 e 49 anos, 2 entre 50 e 59 e um acima de 60.

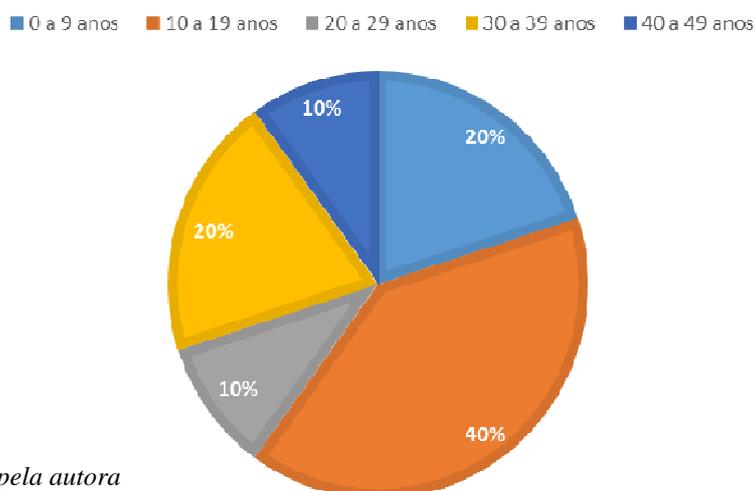
Figura 5 – Faixa etária dos participantes



Fonte: elaborado pela autora

Os entrevistados foram agrupados por tempo de atuação no jornalismo, destaca-se aqui que não se trata do tempo de serviço no cargo de chefia de redação, mas sim do tempo total de trabalho com o jornalismo. Dois deles atuam na área até nove anos; quatro entre dez e 19 anos; um entre 20 e 29 anos; dois entre 30 e 39 anos; um entre 40 e 49 anos.

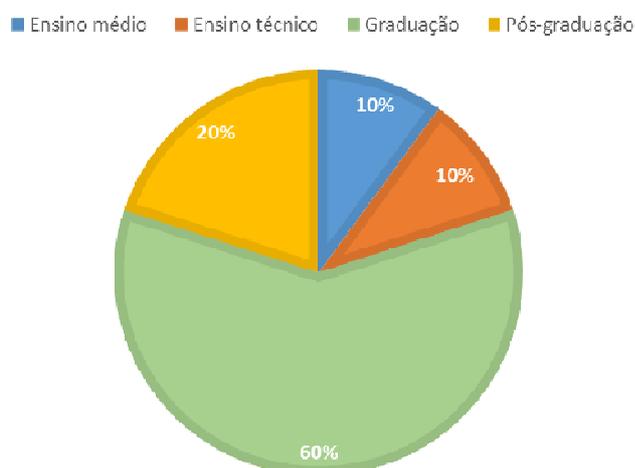
Figura 6 – Tempo de atuação no jornalismo



Fonte: elaborado pela autora

Apenas dois dos entrevistados não cursaram o ensino superior. Dos graduados, todos cursaram a faculdade em Comunicação Social. Dos pós-graduados, os dois cursaram especializações em áreas não ligadas à comunicação ou jornalismo.

Figura 7 – Formação dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora

Optou-se aqui por evidenciar a origem da formação, se pública ou particular, por entender a importância desse quesito para o desenvolvimento da pesquisa. Pois quase todos os entrevistados declararam estudo em instituição particular e o único que declarou estudo em instituição pública foi o indivíduo com Ensino Médio. Essa informação mostra-se relevante pois, segundo relatório divulgado em fevereiro de 2018, pela Clarivate Analytics (CROSS et al, 2018), e disponibilizada pela Capes, com base em publicações da plataforma Web of Science, a pesquisa científica no Brasil é desenvolvida prioritariamente nas universidades públicas. Portanto, é observável, através das entrevistas, a distância dos participantes com relação ao desenvolvimento da pesquisa científica de forma geral. É válido ressaltar ainda que a predominância do estudo em instituição particular pode ser justificada com o fato de que, na região estudada, há apenas duas faculdades que oferecem cursos de graduação em jornalismo [Piracicaba e Araraquara] e ambas são particulares.

6.3. Coleta de dados

O contato com os entrevistados foi feito através de rede de informantes, a partir de contatos com fontes de imprensa foi possível identificar os participantes e adquirir seus números de telefone e e-mail. O contato se deu por telefone ou pelo aplicativo de

mensagens WhatsApp, quando foram agendadas as entrevistas para serem realizadas presencialmente, nos locais de trabalho de cada indivíduo. Dessa forma, as entrevistas se realizaram entre os dias 02 de outubro de 2018 e 23 de novembro de 2018. As entrevistas tiveram duração média de 40 minutos.

A coleta foi feita no ambiente de trabalho de cada indivíduo, em uma sala isolada. O conteúdo foi gravado a partir de um aplicativo de celular.

6.3.1. Entrevistas

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com questões fechadas para traçar o perfil dos participantes com indicativos de: idade, sexo, nível de escolaridade/formação, tempo de serviço, além de questões norteadoras abertas para abordagem do tema de pesquisa. O modelo de formulário de questões fechadas e abertas encontra-se no Apêndice.

Compõem a pesquisa de campo, entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de analisar as representações sociais da ‘pesquisa científica em saúde’ de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo. Com o propósito de explorar de forma qualitativa os objetivos deste estudo, a entrevista semiestruturada possibilita a coleta de dados por questões abertas e fechadas. As fechadas são produto essencial no processo de definição do perfil dos sujeitos de pesquisa, enquanto que as abertas compõem o objeto da pesquisa na análise das representações sociais.

As perguntas abertas foram elaboradas iniciando com perguntas gerais sobre o cotidiano do trabalho e afunilando para perguntas mais específicas sobre o tema de estudo, concluindo com as duas perguntas de relevância e interesse do estudo. O questionário com as questões que foram aplicadas encontra-se anexo.

6.3.2. Ética em pesquisa

A coleta foi iniciada assim que foi emitido o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos/UFSCar (CEP), no. 2.901.338 de em 21 de setembro de 2018⁸. Os participantes da pesquisa foram convidados e, os que se disponibilizaram a participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para confirmar a participação. Foram esclarecidos sobre a autonomia para desistirem de participar a qualquer momento do estudo.

⁸ Parecer do CEP encontra-se anexo.

Os nomes dos participantes, assim como dos veículos em que trabalham, foram mantidos em sigilo para que não houvesse exposição de qualquer situação que os identificasse ou constrangesse.

6.4. Análise dos dados

O áudio das entrevistas foi transcrito e revisado pela pesquisadora. A transcrição foi organizada e padronizada conforme orientação do manual de uso do software IRAMUTEQ (CAMARGO; JUSTO, 2013). Para tanto, construiu-se um dicionário para as palavras que apresentavam o mesmo significado. Para a análise textual da pesquisa, optou-se pelo software IRAMUTEQ, por se tratar de um programa gratuito, bastante utilizado para análises de conteúdo e representações sociais. O IRAMUTEQ se ancora no software R, utilizando a linguagem Python, e permite diferentes formas de análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas de indivíduos por palavras. Segundo o site de apresentação do programa, ele realiza a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) conforme o método descrito por Max Reinert (1987 e 1990), ao desenvolver o programa ALCESTE. O IRAMUTEQ permite realizar análise de diversos conteúdos, como discursos, questionários de pesquisas, textos e ajuda na interpretação textual, de modo estatístico, a partir da identificação do contexto, vocabulário, separação e especificidade de palavras, diferença entre autores, entre outras possibilidades, como a análise de gráficos, grafos, dendrograma e a nuvem de palavras.

Segundo Camargo e Justo (2013), dentre as funcionalidades do software estão a classificação dos segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários, sendo que o conjunto deles é repartido com base na frequência das formas reduzidas (palavras já lematizadas).

Esta análise visa obter classes de UCE que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente das UCE das outras classes. O IRAMUTEQ também fornece outra forma de apresentação dos resultados, por meio de uma análise fatorial de correspondência feita a partir da CHD (Análise Pós-Fatorial) que representa num plano cartesiano as diferentes palavras e variáveis associadas a cada uma das classes da CHD. A interface possibilita que se recuperem, no corpus original, os segmentos de texto associados a cada classe, momento em que se obtém o contexto das palavras estatisticamente significativas, possibilitando uma análise mais qualitativa dos dados (CAMARGO; JUSTO, 2013, p.516).

A análise realizada pelo IRAMUTEQ segue a teoria de análise de conteúdo de Bardin (2016), mais especificamente, da análise das coocorrências, que procura extrair do texto as relações entre elementos da mensagem, assinalando as presenças simultâneas de elementos na mesma unidade de contexto.

É de notar que uma referenciação das dissociações ou exclusões de elementos assinalados pela não presença "anormal" de certos elementos na mesma unidade de contexto pode também ser significativa. Enquanto a frequência de aparição das unidades de significação ou de elementos formais assenta no princípio de que quanto maior for a frequência dos elementos, maior será a sua importância, a coorrência (ou a não coorrência) de dois ou mais elementos revelaria a associação ou dissociação no espírito do locutor (BARDIN, 2016, p. 259).

O software IRAMUTEQ trabalha com os termos ‘textos’, ‘corpus textual’ e ‘segmentos de texto’, em substituição aos utilizados por Bardin (2016) e Reinert (1986), que empregavam Unidades de Contexto, ou, Unidades de Contexto Inicial, Unidades de Contexto Elementar.

Figura 8 – Termos Básicos para uso do IRAMUTEQ

Reinert (1986)	IRAMUTEQ	Descrição
Corpus	Corpus	É o conjunto de todos os textos (UCI) que se pretende analisar.
Unidade Contexto Inicial (UCI)	Texto	Unidade, definida pelo pesquisador, a partir da qual o programa efetua a fragmentação inicial.
Unidade Contexto Elementar (UCE)	Segmentos de texto (ST)	São excertos de texto, dimensionadas pelo próprio <i>software</i> . É a partir da pertença das palavras de um texto (UCI) a uma UCE, que o programa vai estabelecer as matrizes para a classificação.
Classe	Classe	Agrupamento constituído por vários ST (UCE) de um vocabulário homogêneo.

Fonte: elaborada pela autora

No presente trabalho, o corpus é composto pelas repostas das entrevistas realizadas com os dez participantes. E cada texto, no total dez – um para cada participante - é composto pelas respostas às duas últimas perguntas do questionário semiestruturado: “O que é pesquisa científica para você?” e “O que é pesquisa científica

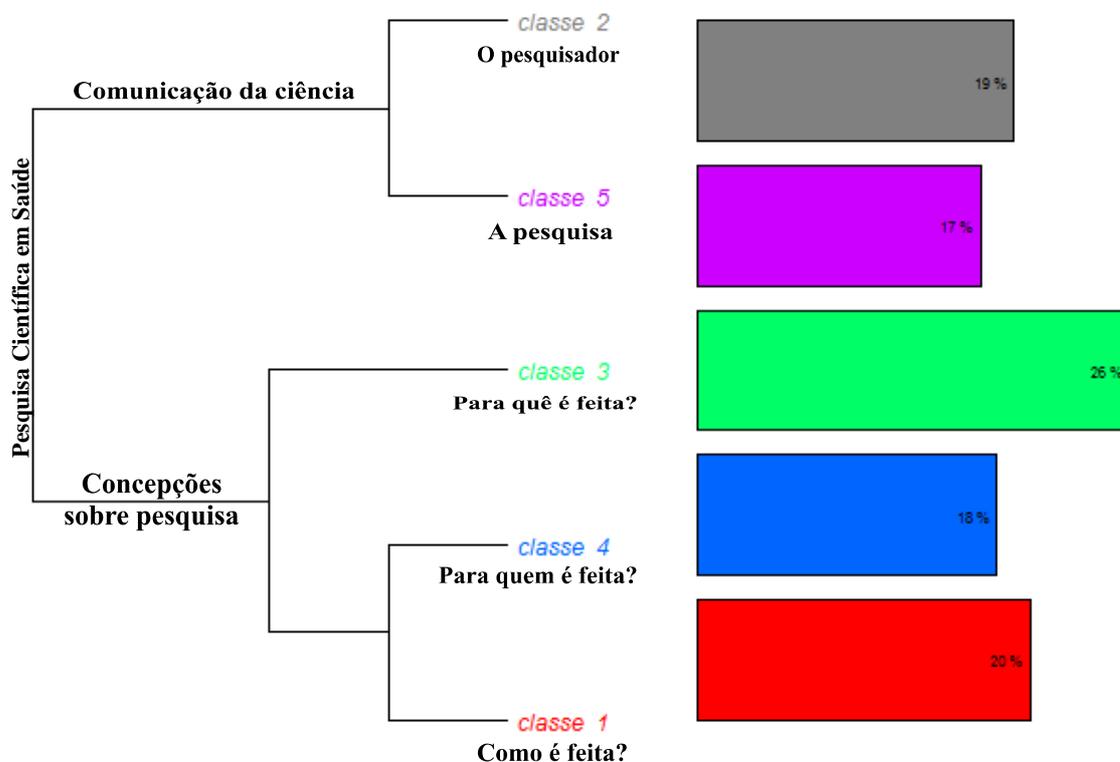
em saúde para você?”. A opção por trabalhar apenas com as respostas a essas duas questões, partiu depois de perceber que essas respostas encerravam em si as concepções dos entrevistados. É válido destacar que as demais respostas serviram de base para a pesquisadora compreender o contexto de atuação, rotina, dificuldades e outros indícios a fim de facilitar a interpretação dos resultados e classes oferecidas pelo software IRAMUTEQ.

7. Resultados de pesquisa

7.1. Análise de conteúdo

Em 12 de dezembro de 2018, foi realizado o processamento das entrevistas no programa IRAMUTEQ. O corpus geral foi constituído por dez textos, separados em 156 segmentos de textos (ST), com aproveitamento de 100 ST (64,1%). Emergiram 5702 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1230 palavras distintas e 709 com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes: classe 1, com 20 ST (20%); classe 2, com 19 ST (19%), classe 3, com 26 ST (26%); classe 4, com 18 ST (18%); e classe 5 com 17 ST (17%).

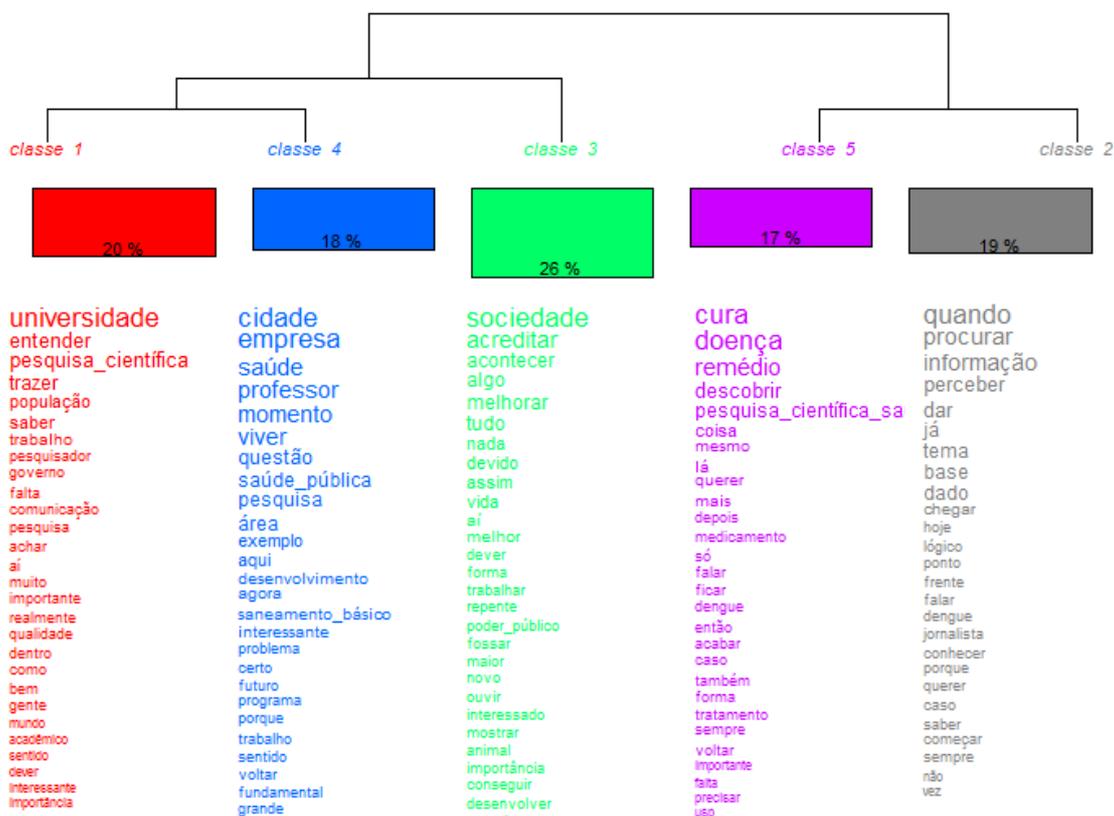
Figura 9 - Classes geradas após processamento pelo IRAMUTEQ



Fonte: IRAMUTEQ adaptado pela autora

O software IRAMUTEQ dividiu o corpus de análise em cinco classes, sendo que há uma maior proximidade temática das classes 2 e 5; e das classes 1, 3 e 4. A partir da separação das classes é possível empreender a análise categorial temática. No presente trabalho, por tratar-se de uma pesquisa sobre representações sociais, “as classes podem indicar teorias ou conhecimentos do senso comum ou campos de imagens sobre um dado objeto, ou ainda apenas aspectos de uma mesma representação” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p.6). O programa forneceu um dendograma com as ST com maior chi2 (X2 de associação da palavra com a classe).

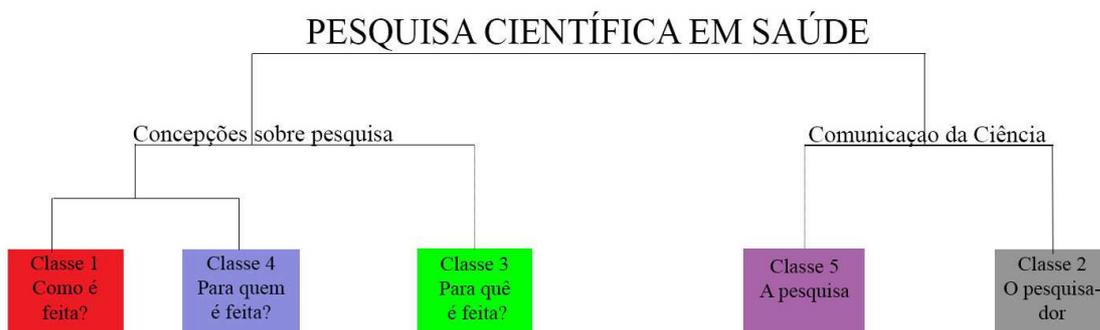
Figura 10 – Distribuição dos ST em cada classe pelo IRAMUTEQ



Fonte: IRAMUTEQ

Em observação às classes formadas, as palavras e os trechos de onde foram destacados os ST, foi possível identificar alguns temas que serão objeto de análise, como descrito na figura a seguir.

Figura 11 – Detalhamento das classes pela pesquisadora



Fonte: elaborado pela autora

7.2. Concepções sobre pesquisa (classes 1, 3 e 4)

As classes 1, 3 e 4 se aproximam, pois trazem como temática as concepções dos entrevistados sobre a pesquisa, seja ela sobre saúde ou pesquisas de forma geral. O conjunto das classes destacadas apresenta percepções dos jornalistas do Interior do Estado de São Paulo sobre como é feita (o que é), para quem é feita (quem se beneficia com ela) e para quê é feita (para quê serve) a pesquisa científica.

Os questionamentos conversam com a teoria dos Estudos CTS. Segundo Bazzo et al (2003), o movimento CTS traz como pressuposto reconhecer a C&T como um processo social, com suas limitações e responsabilidades, enfatizando a C&T como uma construção social. Como definiram Pedro, Sousa e Ogata (2018, p.99):

Em síntese, pode-se observar que tais esforços visam compreender a contextualização social e a diversidade de fatores sociais que influenciam as transformações científico-tecnológicas e as escolas e/ou programas que delimitam a respectiva tradição. Nesse sentido, destaca-se o chamado Pensamento Latino-americano de Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS) cujos esforços voltam-se para o contexto regional, tendo a ênfase nas políticas públicas envolvendo ciência e tecnologia, bem como, os processos de participação pública em ciência e tecnologia (Von Lisingen, 2007). Esse empreendimento aponta a emergência da condução de esforços para os avanços teóricos e epistemológicos do campo CTS: ciência e tecnologia para quê? Ciência e tecnologia para quem?

Abaixo são descritas as classes 1, 3 e 4 e os principais termos que representam cada uma delas, com uma breve análise e os excertos de textos mais representativos nas classes formadas pelo software.

Classe 1

A classe 1 aponta o que é pesquisa científica para os entrevistados, como ela é desenvolvida, destacando o desconhecimento de muitos sobre o que seria, na prática, uma pesquisa. Por isso, aparecem as palavras “entender”, “universidade”, “pesquisa científica”, “saber”, “trabalho”, “falta”, “comunicação”. Ao falar sobre a pesquisa, tergiversam quando questionados, mostram não ter uma compreensão clara de como é

feita, desenvolvida ou constituída, entretanto, há consenso de que a pesquisa é desenvolvida dentro da universidade:

“[...] pesquisa científica é fácil em termos de notícia é aquilo que eu não sei; é realmente aquilo que é desenvolvido nas universidades, hoje, com muito esforço do próprio governo brasileiro, dos estados.” (ind_02)

“[...] a pesquisa científica entendo como uma das etapas da participação no universo que esse aprendizado da universidade traz. Eu vejo que tem a questão acadêmica, questão da docência, da formação das pessoas e a questão da pesquisa eu acho, que são trabalhos.” (ind_04)

Outros indivíduos utilizam frases evasivas, demarcando um desconhecimento, entretanto, destacam características positivas e de verdades sem relativização à pesquisa, como algo “definitivo”, “sem suposições”, ou necessário para traçar o futuro:

“Estou supondo que a pesquisa científica seja aquela coisa realmente de trazer à tona aquilo que é, sem especulações, sem suposições, algo realmente que seja, digamos, definitivo, algo que seja nesse sentido falando como leigo.” (ind_10)

“[...] eu acho que a pesquisa científica é um meio importante para saber o que pode esperar do futuro, porque sem essas pesquisas não conseguimos traçar um caminho, não sei se sustentável seria a palavra certa.” (ind_03)

Por outro lado, pelo desconhecimento do que é produzido nas universidades, alguns atribuem conceitos de valor negativo às pesquisas. Como o indivíduo que aponta o desconhecimento do que é feito em uma universidade pública:

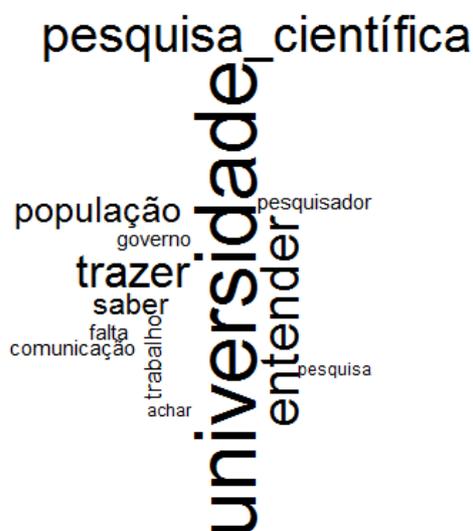
“Agora, ao mesmo tempo a gente deve ter, eu não, a gente tem uma universidade que é a Unicamp, que é Odontologia, a gente não fica sabendo quais são as pesquisas. Eu não fico sabendo.” (ind_05)

E outro entrevistado que deprecia a produção de pesquisa científica por considerar algumas delas como sem “retribuição social”:

“Deixa eu ver uma pesquisa que eu achei bem b... Você vai fazer uma pesquisa, a função da asa nas abelhas, não é importante saber da função da asa nas abelhas, entendeu? Mas aí tem um monte de desmembramento que socialmente, ou seja, não há pesquisa, não existe retribuição social.” (ind_08)

Esta classe demonstra uma falta de comunicação entre universidade e jornalistas, visto que, muitos deles falam sobre o desconhecimento sobre o que seja a pesquisa, como ela é desenvolvida e sentem dificuldade em definir quem a produz, como é feita. Esse distanciamento, e desconhecimento, pode levar a concepções de valor negativo, atribuindo à pesquisa o caráter de algo inútil, ou sem benefícios diretos à população.

Figura 12 – Nuvem de palavras da Classe 1



Fonte: IRAMUTEQ

Em observação à nuvem de palavras relativas à Classe 1, gerada pelo IRAMUTEQ, é possível ver próximas as palavras “falta” e “comunicação”. Cabe destacar aqui, que a palavra “universidade” aparece com um χ^2 (X2 de associação da palavra com a classe) de 24.76, portanto, demonstrando que a associação de pesquisa científica está totalmente ligada à universidade como o único lugar que se faz pesquisa, segundo os jornalistas.

Classe 3

A classe 3 traz as percepções dos entrevistados sobre a finalidade das pesquisas científicas, qual a sua utilidade e para quem servem. Aparecem, portanto, palavras como “sociedade”, “acreditar”, “tudo”, “nada”, “poder público”, “melhorar”, “acontecer”, “vida”. Ao mesmo tempo, que expõem uma antítese entre os indivíduos, ao descrevem que a pesquisa serve para “tudo” e também para “nada”, os jornalistas destacam como

objetivo das pesquisas melhorar a sociedade, a qualidade de vida e contribuir com o poder público. Além de mostrar que uma pesquisa se torna importante a partir do momento que traz algum benefício para a sociedade:

“A pesquisa científica eu acho que é quando ela parte para tentar resolver ou melhorar algo na nossa sociedade eu acho que isso é uma pesquisa científica e você tem uma demanda que é um problema ou um caminho a ser seguido.” (ind_05)

“Acho que a pesquisa científica deveria até ter um ganho muito maior, um apoio muito maior, um aporte financeiro. Não só apoio de incentivo, de abrir leques, mas a questão financeira. Não se faz nada acadêmico para desenvolver melhor as questões sociais, em várias frentes, várias áreas de atuação e, inclusive, é triste. Recentemente, fizemos uma reportagem junto a Unesp sobre o possível corte de bolsas de estudo por parte do governo, imagina cortando a iniciação científica.” (ind_04)

A contribuição das pesquisas para o trabalho do poder público e também a questão do financiamento de pesquisas também aparece nesta classe. No sentido de que as pesquisas podem nortear o trabalho do poder público para implementar ações e direcionar investimentos.

“A pesquisa científica eu acredito nisso, principalmente, na forma de trabalhar com a sociedade para que a sociedade entenda que aquilo precisa ser feito daquela forma inclusive na questão de investimentos também, porque o poder público precisa muito disso daí para poder saber em quem investir e como adaptar esse investimento porque cada cidade tem uma realidade. Em resumo, é isso daí, eu acho que é importante conseguir mostrar para a sociedade que o que está sendo feito é importante também.” (ind_03)

“O empregador, que é o poder público, pode criar um programa para melhorar isso, melhorar aquilo, aí a pesquisa científica ela se torna importante para a sociedade (ind_09)

A questão específica da pesquisa em saúde aparece nesta classe, destacada como uma das utilidades dos estudos, aliás, como a mais relevante para melhoria da qualidade de vida. Alguns entrevistados enfatizaram no discurso um maior proveito das pesquisas em saúde em detrimento às demais. Como o indivíduo 7, que declara que a saúde abrange uma grande área e que *“aí sim é uma pesquisa que é muito benéfica para as pessoas e para a vida de um modo geral”*.

*“Na área da saúde, a pesquisa é fundamental para descobrir como melhorar. Depois que a pessoa está doente, viver bem, ter qualidade de vida, combater uma doença, mas acho que hoje, mais do que tudo, como prevenir, como não desenvolver certas mazelas que a gente, infelizmente, hoje tem cada vez mais na sociedade.”
(ind_04)*

*“A pesquisa científica em saúde vem para melhorar, para ter um diagnóstico melhor do que acontece e, dentro disso, trabalhar ações para que a população tenha uma vida mais saudável e evite esses problemas. E quem tem um problema, tem um melhor tratamento para amenizar a dor e o sofrimento dessas pessoas.”
(ind_03)*

A classe 3 mostra como os jornalistas representam a motivação das pesquisas, o porquê se produz pesquisa científica e para quem servem. A sociedade como grande motivação, mostra um entendimento de que o que é produzido deve, diretamente, impactar a vida das pessoas. Sobretudo positivamente, para melhorar algo, melhorar a qualidade de vida, o trabalho, ou os animais.

Figura 13 – Nuvem de palavras da Classe 3



Fonte: IRAMUTEQ

Em observação à nuvem de palavras relativas à Classe 3, gerada pelo IRAMUTEQ, é possível ver próximas as palavras “tudo” e “nada”. Destacamos que a palavra “sociedade” aparece com um χ^2 (X² de associação da palavra com a classe) de 24.75, portanto, demonstrando que a associação do porquê se fazer pesquisa científica está muito ligado ao conceito de sociedade, segundo os entrevistados. A palavra “acreditar”, destacada com um χ^2 de 16.84, foi utilizada em muitos discursos como um termo de incerteza, mais uma vez destacando o desconhecimento dos

indivíduos perante o tema. Muitos “acreditam” que a pesquisa serve para um determinado fim, poucos tem a “certeza” dessa finalidade.

Classe 4

A classe 4 apresenta percepções dos jornalistas acerca dos destinatários da pesquisa científica, ou seja, para quem são feitas e quem se beneficia com elas. Aparecem, portanto, palavras como “cidade”, “empresa”, “saúde”, “professor”, “momento”, “saúde pública”, “desenvolvimento”. No discurso, os entrevistados apontam a saúde e a saúde pública como as grandes beneficiadas com o desenvolvimento das pesquisas. Sobretudo, são destacados os benefícios para a longevidade, contribuindo com os idosos e a qualidade de vida, além do futuro das cidades e das próximas gerações:

“É nas pesquisas que vamos definir as necessidades futuras, as previsões, enquanto para nós é uma notícia, enquanto jornalista para mim é uma tentativa de segurança, particularmente, na área de saúde. Porque se tiver uma pesquisa que diz que o idoso não pode comer alguma coisa e desenvolveu aquela pesquisa, é fácil, porque eu tenho aquilo como munição. Então eu vejo como uma contribuição extraordinária em favor da saúde pública.” (ind_02)

“Pesquisa científica em saúde é fazer esse cuidado com as gerações futuras. Então saúde é fundamental, principalmente, por exemplo, um assunto que saiu ultimamente sobre o suicídio. É questão de saúde pública, então, muitas pesquisas já alertaram sobre esse cuidado, sobre essa prevenção que temos que ter.” (ind_02)

“Todos dentro do universo acadêmico são fundamentais para que a gente consiga evoluir no sentido de entender certas questões, como é que funciona na saúde, por exemplo, sem pesquisa? Como que seria o desenvolvimento de medicamentos e tratamentos de terapias de combate à doença, especificamente, não teria.” (ind_04)

Ao mesmo tempo que os indivíduos citam a saúde como beneficiada no desenvolvimento das pesquisas, surge também a figura da empresa e do desenvolvimento industrial como favorecidos.

“A pesquisa científica é todo aquele trabalho desenvolvido por profissionais, professores, pesquisadores e estudantes que busca desenvolver uma descoberta para ciência que vai colaborar para o desenvolvimento social, desenvolvimento industrial,

desenvolvimento da saúde, enfim, uma série de áreas o próprio esporte.” (ind_07)

“Aqui, por exemplo, é a questão da Esalq. A gente sabe que é altíssimo o investimento, tem até empresas terceirizadas, que vivem na cidade para suprir a demanda da Esalq. O agronegócio é forte na nossa região, então que é muito potente aqui na cidade.” (ind_05)

A classe 4 traz as concepções dos entrevistados acerca dos destinatários, quem se beneficia com as pesquisas. A saúde como área beneficiada pelo desenvolvimento científico reafirma a hipótese de que as pesquisas científicas em saúde são vistas como mais benéficas e mais necessárias ao desenvolvimento do que as demais, pois são vistas como pesquisas que podem encontrar a cura das doenças e levar à longevidade.

Figura 14 – Nuvem de palavras da Classe 4



Fonte: IRAMUTEQ

Em observação à nuvem de palavras relativas à Classe 4, gerada pelo IRAMUTEQ, o que chama a atenção são as palavras “cidade” e “empresa”, que aparecem, ambas, com um χ^2 (X² de associação da palavra com a classe) de 18.48. Essa associação demonstra que, tanto a cidade, quanto as empresas/indústrias, podem ser beneficiadas com as pesquisas, o que expõe um pensamento sobre a influência do mercado no desenvolvimento da ciência. No discurso dos indivíduos foi possível observar o uso da palavra ‘empresa’ ou ‘indústria’ como um beneficiado e também um

beneficiador das pesquisas, atuando como um patrocinador, uma fonte de aporte financeiro para que pesquisadores desenvolvam seu trabalho.

Sobre o aparecimento do termo “professor”, é válido mencionar que refere-se a professor como pesquisador e que, em alguns discursos, jornalistas destacaram que a pesquisa pode beneficiar o próprio professor/pesquisador, com vistas a ampliar seu currículo, melhorar sua aceitação no âmbito acadêmico e angariar mais recursos para suas pesquisas com o governo ou empresas privadas.

7.3. Acesso a informação (Classes 2 e 5)

As classes 2 e 5 se aproximam, pois ambas trazem a temática da comunicação da ciência, divulgação sobre pesquisa científica, ou mais especificamente, sobre como é a relação dos jornalistas com os pesquisadores; e sobre quando a pesquisa é pauta ou tem relevância para se tornar um assunto para o jornalismo. Os temas dialogam com conceitos da Comunicação Pública da Ciência, mais especificamente com o modelo de déficit, proposto por Lewenstein e Brossard (2006), o qual situa um distanciamento entre o mediador (jornalista)/receptor (público) e o pesquisador.

Além disso, a percepção retoma a concepção clássica (essencialista e triunfalista) das relações entre ciência, tecnologia e sociedade, que se mostra – como expõe o presente trabalho – ainda presente em grande parte do universo acadêmico e da mídia. Como definiram Pedro, Sousa e Ogata (2018, p.99):

A epistemologia do campo CTS contribui para desmistificar a visão tradicional - essencialista e triunfalista da ciência e da tecnologia -, que pode ser resumida no chamado modelo linear de desenvolvimento (mais ciência implica mais tecnologia que implica mais riqueza e, por conseguinte, implica maior bem estar social), presente no mundo acadêmico e na comunicação científica que corrobora a visão clássica do empirismo lógico acerca da natureza da ciência e do modelo linear promissor (PEDRO; SOUSA; OGATA, 2018).

Abaixo são descritas as classes 2 e 5, assim como, os principais termos que representam cada uma delas, com uma breve análise e os excertos de textos mais representativos nas classes formadas pelo software IRAMUTEQ.

Classe 2

A classe 2 aponta as representações dos jornalistas sobre o pesquisador, o cientista, o estudioso, o universitário, ou seja, o produtor de ciência e tecnologia. Neste sentido, são enfatizadas as palavras “procurar”, “informação”, “perceber”, “chegar”, “conhecer”. Os entrevistados enfatizam que as pesquisas não ‘chegam’ aos jornalistas, que a ‘procura’ tem de partir de um dos lados dessa relação, mas é o que raramente acontece. Entretanto, destacam que os pesquisadores são boas fontes, que podem contribuir para pautar um tema, ou orientar sobre algo que desconhecem.

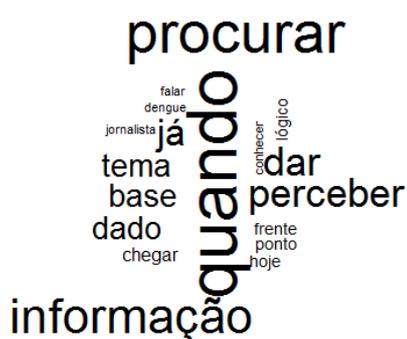
“[...] então esse é o caso quando você não domina o tema você tem que procurar uma fonte que domine e que te dá o caminho aí você vai você vai desenhar o seu cenário. [...] Para todo veículo de comunicação, todo jornalista, quando você não é o dono de uma informação, quando você não domina um tema, você vai procurar alguém que o faça e essa pessoa vai te pautar também.” (ind_01)

“A Unesp, que eu conheço, a UFSCar também, tem uma de Curitiba, Florianópolis, do Paraná, Santa Catarina, que mandam muita informação e a gente percebe que é um trabalho muito bem feito.” (ind_02)

“Eu procurei dados, eu analisei, mas eu não sou nenhum especialista para aquilo. Então quando eu falo que eu vou atrás de uma fonte para uma matéria de saúde para que ela me alimente quando eu falo uma pesquisa científica, eu já percebo que essa pessoa que está fazendo, que está à frente do projeto, ela não é aquela que vai procurar, porque ela já sabe o que ela quer e, cientificamente, ela vai dar uma base em tudo que ela está buscando. Ela vai procurar informação e ela vai cultivar material, ela vai ter material para aquilo e ela vai chegar numa conclusão, em cima de tudo que ela alavancar. Ao longo dessa jornada que ela vai fazendo na pesquisa, ela vai separando o que ela percebe que é útil e o que não é útil, o que é fantasia e o que é verdade.” (ind_01)

A concepção dos jornalistas entrevistados sobre os pesquisadores se assemelha a um dos modelos propostos por Lewenstein e Brossard (2006), o *modelo de déficit*, no qual a comunicação da ciência atua em processo de transmissão linear, com uma separação entre emissor (especialista) e receptor (público leigo). Nesse contexto, o cientista é visto como uma fonte confiável, especialista, com conhecimentos acima da média – conceitos assemelhados ao da visão essencialista e triunfalista da ciência (ciência neutra), na qual o cientista/pesquisador não sofre influências do meio, vive encastelado, endeusado, um detentor da verdade.

Figura 15 – Nuvem de palavras da Classe 2



Fonte: IRAMUTEQ

Em observação à nuvem de palavras relativas à Classe 2, gerada pelo software, observa-se que de todas as classes formadas, esta é a única que apresenta verbos em destaque: “procurar”, “dar”, “perceber”, “falar”, “chegar” e “conhecer”. A palavra “procurar” tem o maior chi2 (X2 de associação da palavra com a classe), com 26.86. Logo na sequência, está a palavra “informação” com um chi2 de 21.77. Essa associação procurar-informação mostra a relação na busca por informações e também na relação entre pesquisador-jornalista. No discurso dos entrevistados, o observado é que os jornalistas procuram os pesquisadores quando precisam de informação e que o fazem por entender que são eles, os pesquisadores/cientistas/estudiosos, que detêm essa informação e detêm uma informação ‘de qualidade’.

O que é interessante ressaltar nesta classe é que ela é mais representativa entre indivíduos identificados na faixa etária acima de 40 anos e com mais tempo de serviço na área da comunicação. Sendo ainda mais representativa entre indivíduos com mais de 30 anos de jornalismo.

Classe 5

A classe 5 demonstra a percepção da ciência e tecnologia por parte dos jornalistas, com as palavras “cura”, “doença”, “remédio”, “descobrir”, “pesquisa científica em saúde”. Os termos aproximam bastante as concepções de C&T ao

desenvolvimento na área da saúde, sobretudo, a cura como um grande objetivo de pesquisa. Como aponta o indivíduo 6: *“Você sempre quer chegar na cura, seu objetivo é esse, isso tem que estar te impulsionando para você buscar caminhos que te façam chegar ao seu objetivo”*.

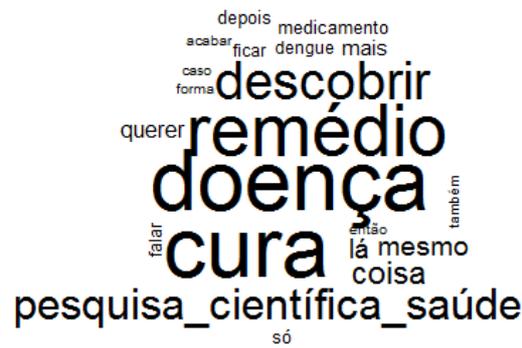
“Pesquisa científica em saúde, atualmente, tem bastante doença que no caso da saúde, mais específico, doenças e remédios, que precisam ser trabalhados melhor para que doenças sejam tratadas e até curadas com medicamentos. Da mesma forma, como tratamento para amenizar algumas dores e algumas doenças. Se não fossem essas pesquisas, também continuaria com grande dificuldade para tratamento e cura de algumas doenças, por exemplo, está aí nessa campanha de Outubro Rosa e começando Novembro Azul.” (ind_03)

“Os apontamentos não só depois que a pessoa está doente, mas antes, que tipo de vida a pessoa pode levar para tentar evitar uma doença. Então acho que a pesquisa científica em saúde ela é uma das mais importantes, senão a mais importante nessa evolução, que as pessoas estão tendo na qualidade de vida.” (ind_04)

“A pesquisa científica em saúde é que quando você fala em saúde, você sempre pensa em um remédio, na cura de uma doença, mas a gente pode lembrar coisas mais simples como a questão de saneamento básico. É coisa de saúde, hoje está muito voltado mais a animais, que é também questão de saúde, questão mental e questão de saúde, então, além desses casos cruciais como descoberta de remédios, cura de doenças [...]” (ind_06)

As concepções corroboram estudos já desenvolvidos (FERNÁNDEZ, 2016) (GRYNFOGIEL; LOPES, 2015) e que mostram que as ciências duras/*hard science* – pesquisas nas áreas naturais (biologia, química, matemática, física etc) – chamam mais a atenção do que as ciências brandas/*soft science* – nas áreas sociais (psicologia, sociologia, história etc). Nesse sentido, os estudos em biologia, com vistas à saúde, são vistas como uma temática de interesse à comunicação. Aos jornalistas, divulgar uma pesquisa que traz a cura para uma doença ou um medicamento que ameniza o sofrimento de uma pessoa é mais interessante do que pautar pesquisas em outras áreas. As pesquisas científicas em saúde são vistas como mais importantes, mais interessantes e mais relevantes socialmente do que as pesquisas científicas em outras áreas.

Figura 16 – Nuvem de palavras da Classe 5



Fonte: IRAMUTEQ

Na nuvem de palavras, destaque para os termos associados às áreas biológicas: “doença” e “cura” têm o mesmo χ^2 (X² de associação da palavra com a classe), com 36.8 cada. Logo na sequência, está a palavra “informação” com um χ^2 de 21.77. Além dos termos relacionados à saúde, surge a palavra “descobrir”, com χ^2 de 20.73, o que mostra que para os entrevistados uma pauta é considerada de importância e relevância quando apresenta alguma ‘descoberta’ científica.

8. Discussão dos resultados

A partir das entrevistas foi possível traçar um perfil das redações do interior pesquisadas: formada por poucos jornalistas, não segmentados por editoriais; chefiada majoritariamente por homens, graduados em comunicação, com formação em ensino particular, que priorizam o valor-notícia de ‘Proximidade’, que enfatizam temas relativos a saúde e possuem uma visão essencialista e triunfalista da ciência.

Com base nas entrevistas realizadas na presente pesquisa, percebe-se um destaque para o valor-notícia de ‘Proximidade’ (SILVA, 2005). Para os entrevistados nesta pesquisa, quando questionados sobre “qual editoria considera mais importante”, a totalidade deles destacou a editoria de Cidades ou Local, ou editoriais que trouxessem notícias com assuntos da comunidade, da cidade em que está sediado o veículo de comunicação. O valor-notícia ‘Proximidade’ também aparece, quando questionados sobre “quando uma pesquisa científica se torna pauta para a redação”. Pesquisas que envolvem algum morador da cidade, ou que foram desenvolvidas na cidade foram elencados como valor-notícia, obviamente, combinados a outros valores para que seja determinado o critério de noticiabilidade – tais quais, Raridade, Conhecimento e

Proeminência. Entretanto, a proximidade geográfica foi elencada como um item primordial para que uma pesquisa científica se tornasse objeto de divulgação em seu trabalho jornalístico.

“Somos um jornal do Interior. Se o leitor quiser saber de algo nacional vai ler o Estadão, a Folha ou ele já viu no Jornal Nacional. Agora, uma notícia daqui ele não vai ver lá, só se for alguma desgraça muito grande. Então, a gente tem que dar espaço para as coisas daqui. Se for um pesquisador que nasceu aqui, ou que mora aqui. Uma pesquisa feita aqui na Unesp. Aí a gente faz matéria.” (ind_01)

“No caso de Piracicaba, uma pesquisa se torna pauta quando ela traz alguma informação que a gente consiga aproveitar com gancho da cidade. A não ser que ela seja de uma relevância assim nacional, mas a gente precisa repercutir com isso no local, nem que seja com números da cidade, ou que tenha possibilidade de gente repercutir com um especialista da cidade, entendeu.” (ind_03)

Portanto, para as redações aqui pesquisadas, o principal valor-notícia é a proximidade do fato com a cidade na qual a empresa jornalística está sediada. Além disso, a possibilidade de aproximar um tema nacional, a partir da entrevista com uma fonte local, ou com dados locais.

A conclusão de White é que o processo de seleção é subjetivo e arbitrário; as decisões do jornalista eram altamente subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no “conjunto de experiências, atitudes e expectativas de “ação pessoal”, as notícias são explicadas como um produto das pessoas e das suas intenções (TRAQUINA, 2018a, p.152).

Outro fato que orienta essa tendência para a abordagem local é o tamanho das redações e a quantidade de profissionais atuando. Nas dez redações pesquisadas, em apenas uma havia mais de dez profissionais atuando. Entretanto, em apenas duas delas os jornalistas eram segmentados por editorias⁹. Nas demais, não havia uma determinação exata sobre a área de atuação, ou, até mesmo, o próprio dono do jornal era o único jornalista atuante – o que foi registrado em três redações. Dessa forma, os profissionais se dividem entre as mais diversas temáticas, portanto, nessas redações não havia nenhum jornalista específico para a cobertura científica.

⁹ As editorias nos dois jornais que apresentaram setoristas na ocasião das entrevistas eram: Cultura, Esportes, Política e Segurança.

“Vai mais por vocações, então, às vezes, a gente tem um produtor que ama as notícias policiais, então ele faz muitas fontes, tem contatos com a polícia e ele acaba abraçando mais essas pautas policiais; tem um que tem uma certa vocação por economia, não é que só ele vai produzir economia, é na hora da venda das pautas que você percebe o direcionamento de cada um por aquilo que gosta, então isso vai mais de vocação. Em emissoras menores esse direcionamento é mais complicado você tem um número menor de pessoal e se você deixar muito direcionado, setorizado, corre o risco de você não fazer uma boa cobertura que, às vezes, precisa dos assuntos mais variados possíveis.” (ind_07)

Dessa forma, como afirmou o entrevistado, as pautas dependem do interesse do jornalista e, obviamente, das “qualidades duradouras” do que é notícia (TRAQUINA, 2018b, p.91). Essas “qualidade duradouras” podem ser definidas como estruturas invisíveis partilhadas, como um “jornalês”, segundo Bourdieu. (TRAQUINA, 2018a, p.29)

A premissa de que a ciência se torna pauta, principalmente, quando envolve a saúde e a biomedicina é corroborada com as entrevistas realizadas durante a presente pesquisa com os jornalistas do Interior do Estado de São Paulo. Dos dez profissionais entrevistados, todos destacaram que a saúde é prioridade no momento de escolher uma pauta na área de C&T.

“A saúde é uma das questões mais importantes do jornalismo, porque mexe diretamente com a comunidade, com o ser humano. Mesmo pesquisas em animais e plantas, tudo que ajuda na saúde é importante para a gente. Então pesquisas em saúde vão ser sempre importantes para darmos cobertura. Esse é o papel do jornalista contribuir com a segurança, saúde e desenvolvimento, bem-estar, emprego. Todas essas questões são muito importantes para a gente e a saúde então é uma das mais importantes junto com educação.” (ind_07)

“Quando se fala em saúde, aí sim a notícia vale mesmo e sempre. Exatamente porque os nossos leitores, principalmente, os que gostam do jornal impresso, eles são os mais antigos e, automaticamente, essas informações científicas em torno de saúde são fundamentais para esses idosos. Nós acabamos tendo uma necessidade como jornal em passar essa informação.” (ind_02)

“A saúde eu acredito que tenha muita relevância. Saúde é de extrema importância e é pauta para qualquer ocasião, porque hoje em dia a gente sabe do caos pelo qual o Sistema de Saúde passa e, dificilmente, vai mudar o panorama a curto prazo. Por isso, eu acredito que no tocante à saúde é sempre de extrema relevância.” (ind_10)

Portanto, para profissionais de jornais do interior de São Paulo entrevistados nesta pesquisa, a saúde é vista como importante por interferir no cotidiano de todas as pessoas, seja no contexto político no caso de mau atendimento no serviço público, seja na busca pela cura de doenças, ou no desenvolvimento de medicamentos ou tecnologias que podem amenizar o sofrimento.

Essa visão sobre a pesquisa científica em saúde pode ser observada através das representações sociais que emergiram a partir da análise de conteúdo, realizada pelo software IRAMUTEQ. As classes 2 e 5, expõem mais claramente a concepção clássica das relações entre ciência, tecnologia e sociedade (essencialista e triunfalista), ao trazer a temática da comunicação da ciência, dialogando com conceitos da Comunicação Pública da Ciência, mais especificamente com o modelo de déficit, proposto por Lewenstein e Brossard (2006).

Enquanto que as classes 1, 3 e 4, trazem como temática as concepções sobre pesquisa, com questionamentos que conversam com a teoria dos Estudos CTS (PEDRO; SOUSA; OGATA, 2018). Nesse sentido, para os jornalistas entrevistados, a pesquisa científica em saúde é feita pela universidade, para a cidade e para as empresas, com o objetivo de atender à sociedade.

Ou seja, para os jornalistas, a representação social da pesquisa científica em saúde permeia questões relacionadas a uma visão clássica da ciência (essencialista e triunfalista). As representações sociais do grupo fortalecem o discurso de um universo simbólico reificado, cristalizado em uma imagem consensual de pesquisa científica em saúde como: um caminho para melhorar a qualidade de vida – trazendo a cura de doenças e desenvolvendo medicamentos.

As representações que nós fabricamos são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não familiar) ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em um novo mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado (MOSCOVICI, 2004, p. 58).

Portanto, a representação social da pesquisa expõe um distanciamento entre ciência e imprensa, ao compreender que os jornalistas possuem uma concepção em um universo consensual sobre o que é pesquisa científica em saúde. Nesse sentido, a TRS ajuda a compreender o significado das ações e práticas.

Desse modo, nossas representações internas, que herdamos da sociedade, ou que nós mesmos fabricamos, podem mudar nossa

atitude em relação a algo fora de nós mesmos (MOSCOVICI, 2004, p.102).

E no que essas representações sociais interferem na atitude dos jornalistas? A TRS contribui nesse processo de compreensão do ‘porquê’ são escolhidos determinados meios, ações e práticas. Segundo Moscovici (2004, p.79), “o objetivo último da ciência é eliminar esse ‘por quê?’, embora as representações sociais tenham grande dificuldade de fazê-lo sem ele”.

Na observação dos discursos dos jornalistas é possível perceber a objetivação no discurso, o momento em que o abstrato se transforma em concreto, cristalizando as ideias e tornando-as objetivas. Conforme Moscovici (2004, p.78), a objetivação retira conceitos e imagens a partir da ancoragem para, então, juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior.

A visão ainda essencialista e triunfalista da ciência e atitude dos jornalistas perante as pesquisas científicas em saúde são confirmadas pelas crenças sobre a autoridade dos pesquisadores, cientistas e médicos. Durante as entrevistas, um dos questionamentos abordou as fontes que são buscadas quando da necessidade de uma pauta sobre pesquisa científica em saúde. A totalidade dos entrevistados apontou como fontes de informações: releases encaminhados por assessoria, Secretaria Municipal de Saúde, Ministério da Saúde e médicos. As figuras do pesquisador, cientista ou de instituições de ensino superior ou de pesquisa não apareceram como possibilidade de fontes para entrevista.

A produtividade é outro critério de avaliação das fontes. A produtividade diz respeito às razões pelas quais, normalmente, prevalecem as fontes institucionais: é que elas fornecem os materiais suficientes para fazer a notícia, permitindo que os jornalistas não tenham de recorrer a demasiadas fontes para obterem os dados ou elementos necessários (TRAQUINA, 2018a, p.193).

Da mesma forma, nenhum dos jornalistas cogitou a busca por fontes contraditórias, assumindo a interpretação de que toda pesquisa em saúde é um avanço, do qual toda a humanidade vai se beneficiar. “Os fatos que suportam controvérsia – versões contraditórias – serão, geralmente, apresentados como desviantes (por exemplo, os erros médicos)” (TEIXEIRA, 2002, p.137).

Ao optar por somente um lado da informação, consultando apenas uma fonte, ou fontes oficiais, o jornalista, enquanto formador de opinião, divulga informações

parciais, que podem tender à manutenção do status quo de grupos dominantes economicamente ou politicamente. Ao promover a busca por outros estudos e evidências, os jornalistas podem trazer as contradições ou outras possíveis verdades da ciência, tornando-a não tão absoluta, mas passível de diferentes olhares e possibilidades de entendimento dos fatos, o que possibilita aos leitores o acesso às informações de forma mais ampliada e autônoma.

É neste sentido, que o aporte dos estudos CTS pode ser de grande valia, pois proporcionam reflexões sobre as contribuições sociais da ciência e da tecnologia, ocupando espaço fundamental na discussão das políticas públicas. Como apontou Jodelet (2018, p.428), “somente o estudo dos processos e dos produtos, pelos quais os indivíduos e os grupos constroem e interpretam ‘seu mundo de vida’, permite a integração da subjetividade com as dimensões social, cultural e histórica.”

Aos compreender que as RS são construídas socialmente, tendo como pano de fundo construções sociais e históricas, é possível pensar que as mudanças destas representações sociais podem influenciar em práticas futuras e na transformação da sociedade, já que, os jornalistas são formadores de opinião, portanto, contribuem direta ou indiretamente no processo de “estabelecimento do senso comum” (MOSCOVICI, 2004, p.96) e na estabilização das representações sociais.

Para tanto, é relevante questionar: qual é, de fato, o papel da imprensa? Enquanto a teoria aponta que “o jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias” (TRAQUINA, 2018a, p.19) ou que o jornalismo é agente de transformação social, o que vemos, de fato, é que o jornalismo pode atuar mais para a perpetuação de estigmas do que de suas reconstruções, quando não promove outros olhares e outras possibilidades de leitura dos fatos. A repetição das temáticas, a continuação na fórmula do ‘sucesso’, ou seja, produzir pautas sobre DST’s no Carnaval, falar sobre câncer de mama somente no mês de Outubro, ou trazer pautas sobre tecnologias apenas quando podem sugerir a solução para catástrofes ou tragédias.

O número restrito de profissionais e as novas exigências da profissão – em concorrência direta com blogs, internet e Youtubers -, fazem com que os jornalistas mais reproduzam do que produzam conteúdo. Releases, material de imprensa disponível na internet e fontes de fácil consulta não são apenas ‘muleta’, mas toda a base de apoio do jornalismo, principalmente, nas redações do interior. É nessa brecha, que veículos oficiais, como assessorias de imprensa – sejam de prefeituras, governo ou

conglomerados farmacêuticos -, acabam se enveredando e tomando conta do que hoje é publicado ou divulgado nos veículos.

A relação econômica e política é ainda mais tênue, ao pensarmos na fragilidade na manutenção de canais independentes de imprensa. Em uma meta-discussão, poderíamos refletir sobre as contribuições dos estudos CTS, não somente para a Divulgação Científica, mas também seus subsídios sociais para a discussão de políticas públicas para a independência dos próprios veículos de comunicação: tecnologias sociais para um novo jornalismo.

Considerações finais

O desconhecimento dos jornalistas sobre as pesquisas desenvolvidas dentro das universidades públicas e institutos federais foi a questão disparadora deste estudo. Em um período politicamente complexo em que a desvalorização do ambiente público universitário se torna evidente, a necessidade de comunicar o que é feito dentro dos portões da universidade se torna uma necessidade obrigatória para os pesquisadores e imprensa.

A partir deste item disparador, foi proposto neste estudo discutir qual a importância da pesquisa científica para os jornalistas e, especialmente, sobre a pesquisa científica em saúde? E, afinal, o que é pesquisa científica para os jornalistas? Objetivando analisar as representações sociais da pesquisa científica em saúde de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo à luz do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e da Comunicação Pública da Ciência (CPC). Além de caracterizar o perfil dos jornalistas da região do Interior do Estado de São Paulo; identificar as fontes de informação das pesquisas em Saúde utilizadas pelos participantes; analisar as concepções sobre pesquisa científica em Saúde e sua relação com a Divulgação Científica.

Entende-se que as etapas previstas para a pesquisa corresponderam aos objetivos e perguntas inicialmente traçados para seu desenvolvimento. A partir dos resultados obtidos foi possível confirmar algumas hipóteses explicativas ao problema, como a de que o jornalista da região estudada vê a pesquisa científica em saúde como um processo desconhecido e apartado da sociedade, com uma visão bastante próxima ao conceito essencialista e triunfalista da ciência.

Para obtenção dos resultados foi aprofundado o referencial teórico baseado nos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade, Comunicação Pública da Ciência, Difusão Científica, Jornalismo Científico e saúde e a Teoria das Representações Sociais. Portanto, a partir das entrevistas foi possível compreender o perfil desse profissional de imprensa: estudou em universidade particular; trabalha em equipes reduzidas; não promove a setorização do serviço na redação; acha a C&T de difícil abordagem, mas acredita que a saúde é um tema importante; vê os órgãos públicos e profissionais da medicina como fontes mais acessíveis que os pesquisadores; identifica apenas os benefícios diretos providos pelas pesquisas.

Portanto, considera-se que, para os jornalistas, a representação social da pesquisa científica em saúde permeia questões relacionadas a uma visão clássica da ciência (essencialista e triunfalista). Essa visão não corrobora os preceitos do movimento CTS que objetiva a conscientização sobre a influência da C&T na vida das pessoas, a interferência do meio no desenvolvimento delas e a importância da mídia para a divulgação dessas pesquisas, sendo um elo de ligação com a sociedade.

A presente pesquisa traz apontamentos para a compreensão de como a C&T precisa ser melhor apresentada aos jornalistas, auxiliando a modificar a representação social que têm das pesquisas científicas em saúde, pois, nesse processo, os profissionais de imprensa têm um papel importante para a construção de uma cultura científica, com vistas a alimentar a população para uma participação ativa na formulação de decisões da política científica.

Portanto, seria interessante pensar em propostas de formação profissional para jornalistas, como a inclusão de disciplina CTS na grade curricular da graduação em Comunicação Social – Jornalismo. Mas, além disso, pensar no ensino CTS para as graduações da área de Humanas, já que, devido à não exigência do diploma de Jornalismo para a função, e a interdisciplinariedade da profissão, a compreensão dos estudos CTS deve ser ainda mais abrangente. Além disso, é preciso promover um estreitamento entre imprensa-universidade, a partir de coletivas de imprensa, visitas monitoradas, eventos, entre outros.

Ao passo que, é preciso salientar a própria limitação da profissão de jornalista em um período em que há uma desvalorização da profissão, com a diminuição das redações e exigências multimídias e ausência de profissionais setorialistas, sobretudo, em empresas do interior. Com isso, o pesquisador também tem seu papel preponderante nesse processo. O pesquisador pode facilitar o acesso a informação, ofertar sugestões de pauta que atendam às necessidades da imprensa, sobretudo quanto ao valor-notícia trabalhado, conhecer o cotidiano de uma redação e ser, acima de tudo, um colaborador, um parceiro, no processo de Divulgação Científica.

Dentre as limitações da presente pesquisa, aponta-se a abrangência das redações. Pesquisar em redações de jornais de maior porte para verificar se as representações são as mesmas ou não, também para jornalistas que trabalham com editorias segmentadas, ou seja, jornalistas científicos especializados.

O estudo aponta ainda uma possibilidade para ampliar o objeto de pesquisa, analisando o conteúdo do material produzido e publicado nos veículos em que atuam os

jornalistas entrevistados. A análise do material poderia embasar, ainda mais, a observação das representações sociais observadas, já que, mostraria efetivamente a objetivação das RS. Ou, ainda, ampliar o escopo da pesquisa a partir de entrevistas com pesquisadores de universidades públicas ou institutos federais da região trabalhada. Dessa forma, seria possível compreender os entraves que se interpõem na relação jornalista-pesquisador e pesquisador-jornalista.

Referências bibliográficas

A CIÊNCIA e a tecnologia no olhar dos brasileiros. Percepção pública da C&T no Brasil: 2015. – Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2017. Disponível em: < https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/percepcao_web.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2018.

ADGHINI, Z. L. Informação on-line: jornalista ou produtor de conteúdos?. **Revista Contracampo**, n. 06, 2002.

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, 31(2): 211-36, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/TLYvEP>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BAZZO, W.A; VON LINSINGEN, I.; PEREIRA, L. T. V. O que são e para que servem os estudos CTS. In: **Congresso brasileiro de ensino de engenharia**, 2000. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/19/artigos/310.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

BAZZO, W.A; VON LINSINGEN, I.; PEREIRA, L. T. V. **Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade).** Madri: Cadernos de Ibero-América, 2003.

BERTOLINI, J. Formas duradouras e formas emergentes de trabalho precário entre os jornalistas brasileiros. **Vozes e Diálogo**, [S.l.], v. 14, n. 01, ago. 2015.

BONANNO, L. P. **Os bastidores do jornalismo científico: critérios de noticiabilidade que determinam a circulação da informação à sociedade.** 2015. 188f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão.** Oeiras: Celta Editora, 1997.

BRAGA, C. F. B., CIRINO, J. A. F. (Orgs.). **Representações Sociais e comunicação: diálogos em construção.** Goiânia: UFG/FIC/PPGCOM, 2015.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília: Secom, 2016.

BRENTANI, R. R.; et al. (Orgs.). **Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo 2010.** São Paulo: FAPESP, 2011.

BROTAS, A. M. P. Jornalismo Científico em tempo de controvérsia. In: PORTO, C. M., BROTAS, A. M. P., and BORTOLIERO, S. T. (Orgs.). **Diálogos entre ciência e**

Divulgação Científica: leituras contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2018.

BUENO, W. C. **Jornalismo Científico:** conceitos e funções. *Ciência e cultura*, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, 1985.

BUENO, W. C. **Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira.** São Paulo: Plêiade, Amparo, Unimed/Amparo, 1996.

BUENO, W. C. **Jornalismo Científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória.** In: **Difusão e cultura científica:** alguns recortes. Salvador: EDUFBA, 2009.

BUENO, W. C. **Comunicação Científica e Divulgação Científica: aproximações e rupturas conceituais.** *Informação & Informação*, v. 15, n. Esp., p. 01-12, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/6585/676>>. Acesso em: 15 jul, 2018.

BURSZTYN, M. Interdisciplinaridade: é hora de institucionalizar!. *Ambient. soc.*, Campinas, n. 5, p. 229-231, Dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X1999000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 abr. 2018.

CALDAS, G. Mídia, ciência, tecnologia e sociedade: o papel do Jornalismo Científico na formação da Opinião Pública. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 60, p. 8, dez. 2000.

CALDAS, G. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. In: PORTO, C. M., BROTAS, A. M. P., and BORTOLIERO, S. T. (Orgs.). **Diálogos entre ciência e Divulgação Científica:** leituras contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2018.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ, 2013. Disponível em: <<http://www.IRAMUTEQ.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

CARVALHO, V. B. et al. Ciência e TV: estudo sobre a programação da Rede Record. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 19, e2445, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172017000100219&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2019.

CASTELFRANCHI, Y. Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática. In: **Los desafíos y la evaluación del periodismo científico em**

Iberomerica: Jornadas Iberoamericanas sobre la ciencia em los medios massivos. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia): AECI, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2008, p.10-20.

CEREZO, J. A. L. Ciencia, Tecnología y Sociedad: el estado de la cuestión en Europa y Estados Unidos. In: **Revista Ibero-americana de Educación**, v.18, p.41-68, 1998.

COMO OS CIENTISTAS reagem ao menor orçamento federal para a área em 12 anos. Nexo Jornal, São Paulo, 18 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/04/18/Como-os-cientistas-reagem-ao-menor-or%C3%A7amento-federal-para-a-%C3%A1rea-em-12-anos>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

CORREIA, J. C. **O admirável mundo das notícias: teorias e métodos.** Covilhã: LabCom, 2011. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110524-correia_manual_noticial.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2018.

CROSS, D.; THOMSON, S.; SIBCLAIR, A. **Research in Brazil:** A report for CAPES by Clarivate Analytics. Clarivate Analytics, 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

DA COSTA, B. C. G. O “Estado” da educação na “Folha” de jornal: como os jornais de grande circulação abordam a questão educacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 76, n. 184, 2007.

DA SILVA, N. M. R. Fake news: a revitalização do jornal e os efeitos Fact-Checking e CrossCheck no noticiário digital. **Temática**, v. 13, n. 8, 2017, p. 12-29.

DAGNINO, R.; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL et al. **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

DAGNINO, R.; LIMA, M. T.; NEVES, E. F. **Popularização da ciência no Brasil:** entrada na agenda pública, de que forma?, Jcom 07(04) (2008) A02. Disponível em: <https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/Jcom0704%282008%29A02_po.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2017.

FARES, D. C.; NAVAS, A. M., MARANDINO, M. Qual a participação? Um enfoque CTS sobre os modelos de comunicação pública da ciência nos museus de ciência e tecnologia. **X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP - UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad”.** San José, Costa Rica, 2007.

FERNÁNDEZ, M. D. M. Relegan los informativos audiovisuales en España la investigación en Ciencias Humanas y Sociales? ‘Las otras ciencias. **Revista Española de Documentación Científica**, v. 39, n. 3, p. 139, 2016.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008.

FRANÇA, A. A.; HAYASHI, C. R. M. A Divulgação Científica sob a perspectiva de um enfoque CTS: participação pública e controle social da C&T pela web. In: HOFFMANN, W. A. M.; MIOTELLO, V. (Org.). **Diálogos em Ciência, Tecnologia e Sociedade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

FRANCO, I. M.; FURNIVAL, A. C. Intersecção CTS e o acesso aberto à informação pública. In: HOFFMANN, W. A. M.; MIOTELLO, V. (Org.). **Diálogos em Ciência, Tecnologia e Sociedade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOZZI, P. N. F. G. **A prática no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF): apoio matricial como inovação tecnológica em saúde**. 2017. 151f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

GRYNFOGIEL, L.; LOPES, G. Z. L. A construção da Ciência em dois jornais diários do estado de São Paulo: características da produção em Jornalismo Científico. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, v. 2, n. 2, p. 106-123, 2015.

HAYASHI, MCPI., SOUSA, CM., and ROTHBERG, D., (Org.). **Apropriação social da ciência e da tecnologia: contribuições para uma agenda** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

IBAÑEZ, T. Representaciones Sociales, Teoria y Método. In: IBAÑEZ, T. **Ideologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Sendai, 1988.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, p. 17-44, 2001.

JODELET, D. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Revista Sociedade e Estado**, v. 33, n. 2, p. 423, 2018.

KNORR-CETINA, K. D. Los estudios etnográficos del trabajo científico: hacia una interpretación constructivista de la ciencia. In: IRANZO, J. M.;BLANCO, J. R.; GONZALES DE LA FE, M. T.;TORRES, C.; COTILLO, A. (Coords.) **Sociología de la ciencia y la tecnología**. Consejo Superior de Investigaciones Científicas: Madrid, 1995.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: EditoraUnesp, 2011.

LEWENTEIN, B. V.; BROSSARD, D. Models of public communication of science and technology: assessing models of

public understanding. In: **ELSI Outreach Materials**. New York: Cornell University, 2006.

LOPES, G. Z. L. **Dimensões sociais de ciência e tecnologia**: representações sociais de alunos de escolas públicas de um município paulista. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Multidisciplinar) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

MASSARANI, L.; BAUER, M. W.; AMORIM, L. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova 'onda' no Jornalismo Científico no Brasil?. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 35, n. 1, p.111-129, jul/dez 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3612/3702>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

MAZOCCO, F. J.; SOUZA, C. M. Modelo de participação pública: a tendência dialógica na Comunicação Pública da Ciência e o campo CTS. In: Fórum Iberoamericano de Comunicação e Divulgação Científica, 2009, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2009. Disponível em: <http://www.oei.es/forocampinas/PDF_ACTAS/COMUNICACIONES/grupo4/169.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MAZOCCO, F. J.; SOUZA, C. M. **Política de C&T e comunicação**: patentes como instrumento de divulgação. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MEADOWS. A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999

MEC acaba com Ciência Sem Fronteiras para graduação no exterior. Valor Econômico, 02 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4923926/mec-acaba-com-ciencia-sem-fronteiras-para-graduacao-no-exterior>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

MEDEIROS, F. N. da S.; RAMALHO, M.; MASSARANI, L. A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun. 2010, p.439-454.

MEDINA, C. **Ciência e Jornalismo**. São Paulo: Summus, 2008.

MELO, J. M. de. **História do jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**. Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MISSÃO do repórter é lançar luz sobre a realidade, diz Carl Bernstein. Rede Globo, Rio de Janeiro, 4 mai. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/05/missao-do-reporter-e-lancar-luz-sobre-realidade-diz-carl-bernstein.html>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigações em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- NOVO MANUAL DA REDAÇÃO**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998.
- OLIVEIRA, F. de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, J. A. de. Jornalismo Científico e comunicação da saúde. **Revista Tecer** - Belo Horizonte – v. 6, n. 10, mai., 2013, p.51-61.
- OLIVEIRA, M. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 19, n. 55, p. 180-186, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a14v1955>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- PALACIOS, E. M. G., *et al* (Org). **Ciencia, Tecnología y Sociedad: una aproximación conceptual**. Madri: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), 2001. Disponível em: <<http://ibercienciaoei.org/CTS.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.
- PEDRO, W. J. A. O estudo da identidade no âmbito da Psicologia social brasileira. **Revista UNIARA**, v.16, p.1098-1116, 2005.
- PEDRO, W. J. A. Incursões pelo campo CTS no Brasil. **Revista Científica Interdisciplinar Interlogos** - Instituto Federal do Paraná – IFPR. Paranaguá, v1, n. 1. jan, 2017. Disponível em: <<http://infoprojetos.com.br:8035/revistas/index.php/Interlogos/article/download/56/56>>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- PEDRO, W. J. A; SOUSA, C. M.; OGATA, M. N. Ciência, tecnologia e sociedade. In: MILL, D. (Org.) **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2018.
- PENA, F. (Org.). **Jornalismo**. Rio de Janeiro: Rio Sociedade Cultural, 2005. (Coleção 1000 perguntas).
- PÓS-VERDADE**. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2018. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/p%C3%B3s-verdade>>. Acesso em: 8 mar. 2018.
- RAMALHO, M.; POLINO, C.; MASSARANI, L. Do laboratório para o horário nobre: a cobertura de ciência no principal telejornal brasileiro. **Journal of Science Communication**, v. 11, p. 1-10, 2012.
- REINERT, M. Un logiciel d'analyse lexicale: ALCESTE. **Les cahiers de l'Analyse des Données**, v. 4, p. 471-484, 1986.

- REIS, J. A Divulgação Científica e o ensino. **Ciência e Cultura**, v. 16, n. 4, p.353, 1964.
- REIS, J. O caminho de um divulgador. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 34, n. 6, p. 800-816, 1982.
- RESENDE, L. P.; ROTHBERG, D. Estudos CTS, Comunicação e Democracia digital. In: In: HOFFMANN, W. A. M. (Org.). **Ciência, tecnologia e sociedade: desafios da construção do conhecimento**. São Carlos: EDUFSCar, 2011. p. 51-65.
- SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SABBATINI, M. Novos modelos da percepção pública da ciência e da tecnologia: do modelo contextual de comunicação científica aos processos de participação social. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004. **Anais...Intercom**: Porto Alegre, 2004.
- SALAVERRÍA, R. **Redacción periodística en internet**. Barañáin: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.
- SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTOS, D. C.; OGATA, M. N. Diálogos entre Representações Sociais, Saúde e o Campo CTS. In: HOFFMANN, W. A. M.; MIOTELLO, V. (Org.). **Diálogos em Ciência, Tecnologia e Sociedade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- SANTOS, W. L. P. dos; MORTIMER, E. F. Tomada de decisão para ação social responsável no ensino de ciências. **Ciência & Educação**, v. 7, n. 1, p.95-111, 2001.
- SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.
- SILVA, M. C. da. **As representações sociais da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa: uma análise à luz do campo da ciência, tecnologia e sociedade**. 2016. 161f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- SISAN, C. A Arkhé de Gilberto Gil, um mensageiro de ciência. In: PORTO, C. M., BROTAS, A. M. P., and BORTOLIERO, S. T., orgs. **Diálogos entre ciência e Divulgação Científica: leituras contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2018.
- SOUSA, C. M. (Org.) **Jornalismo Científico & Desenvolvimento Regional: estudos e experiências**. Campina Grande: EDUEP, 2008.
- SOUSA, C. M., et al. Transgenia e comunicação da ciência sob o olhar CTS. In HAYASHI, MCPI., SOUSA, CM., and ROTHBERG, D., orgs. **Apropriação social da**

ciência e da tecnologia: contribuições para uma agenda [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 15-40.

TEIXEIRA, M. Pressupostos do jornalismo de ciência no Brasil. In: BRITO, F.; MASSARANI, L; MOREIRA; I. C. (Orgs.). **Ciência e público:** caminhos da Divulgação Científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2018a.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2018b.

VERAS JÚNIOR, J. S. **Da informação ao conhecimento:** o Jornalismo Científico na contemporaneidade. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/soares-jose-dissertacao.pdf>>. Acesso em: 6 mai. 2018.

VESSURI, H. Ciencia, tecnología y desarrollo: una experiencia de apropiación social del conocimiento. **Interciencia**, Caracas, v.27, n.2, p.88-92, 2002.

WOLF, M. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1994.

ZAUITH, G.; OGATA, M. N.; HAYASHI, M. C. P. I. Um breve panorama sobre a educação CTS no Brasil. In: HOFFMANN, W. A. M. (Org.). **Ciência, tecnologia e sociedade:** desafios da construção do conhecimento. São Carlos: EDUFSCar, 2011. p. 21-38.

Apêndices

Apêndice 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO / PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

**PESQUISA CIENTÍFICA EM SAÚDE: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
JORNALISTAS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Eu, Vivian Guilherme Marques, estudante do Programa de Pós Graduação em Ciência Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o(a) convido a participar da pesquisa “Pesquisa científica em saúde: as Representações Sociais de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo”, orientada pela Prof^a Dr^a Márcia Niituma Ogata.

O jornalista, como formador de opinião, tem um papel importante sobre a divulgação de temas relativos à pesquisa científica no Brasil, destacando a produção e dando visibilidade ao que é produzido dentro das universidades públicas e seus benefícios diretos ou adjacentes à população. Portanto, é grande a responsabilidade da mídia, de jornalistas e cientistas para a construção de uma cultura científica, com vistas a educar a população para uma participação ativa na formulação e decisões da política científica. A proposta desse estudo é analisar as Representações Sociais da pesquisa científica em saúde de jornalistas do Interior do Estado de São Paulo.

Você foi selecionado(a) por ser profissional que atua em um veículo de comunicação no Interior do Estado de São Paulo, em uma cidade com grande produção científica, na qual se encontram universidades públicas e/ou institutos federais de pesquisa, bem como, por manter a periodicidade diária nos jornais impressos e veiculação de jornal noticioso televisivo em emissora aberta. Você será convidado a responder uma entrevista semiestruturada com tópicos sobre diversos aspectos que envolvem o trabalho diário no jornal.

A entrevista será individual e realizada no próprio local de trabalho ou em outro local, se assim o preferir. A pesquisa apresenta risco mínimo aos participantes que se dispuserem a participar das entrevistas. Tais como possível cansaço físico e mental, desconforto e estresse. Para minimizar tais possíveis riscos, a pesquisa prevê a realização das entrevistas no local e horário escolhidos pelos voluntários, além disso, serão determinadas poucas perguntas, a fim de facilitar a participação do voluntário e ele poderá interromper a participação a qualquer momento. As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando mais informações e discussões. A pesquisa não traz benefícios diretos aos voluntários. Entretanto, propõe benefícios indiretos, através de contribuições que a pesquisa poderá trazer para a sociedade após obtidos os resultados, no sentido de contribuir para a Divulgação Científica mais efetiva. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas, sendo as gravações serão transcritas pela pesquisadora, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. A transcrição das gravações feitas durante a entrevista semiestruturada será realizada na íntegra pela pesquisadora. Essas transcrições serão comparadas com as gravações para verificar a fidelidade da gravação.

Todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta. Você terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se pelo telefone (19) 99317-5853. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Vivian Guilherme Marques

Endereço: Avenida 84-A, nº280, ap. 41, torre 2

Contato telefônico: (19) 99317-5853 / e-mail: vivianguilhermerf@gmail.com

Local e data: _____

Vivian Guilherme Marques

Nome do Participante:

Apêndice 2 - Questionário com profissionais da imprensa

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM JORNALISTAS

Data: ____/____/____

Município: _____

Jornal: impresso () televisionado ()

Nome: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: _____

Cargo para o qual foi contratado: _____

Função atual: _____

Tempo neste serviço: _____

Tempo atuando na área de jornalismo: _____

Qual a instituição empregadora? _____

() CLT () Terceirizado () MEI

Carga horária: ____ horas diárias

Qual sua formação? () Ensino fundamental () Ensino médio () Graduação

- Curso: _____

- Instituição de ensino: _____

- Ano de conclusão: _____

- Caráter da instituição: () público () privado () outro: qual?

Possui “alguma” pós-graduação? () Sim () Não

Qual a mais recente: _____

Instituição de ensino: _____

Ano de conclusão: _____

Apêndice 4 - Questões norteadoras

1. Como é sua rotina no jornal?
2. No jornal em que trabalha, os jornalistas são segmentados por editorias?
3. Qual editoria considera mais importante?
4. No dia a dia, quando uma pesquisa científica se torna pauta para a redação?
5. E no caso de uma pauta sobre esse tema, a quais fontes você recorre?
6. E a pesquisa científica em saúde, quando ela se torna pauta para a redação?
7. E no caso de uma pauta sobre esse tema, a quais fontes você recorre?
8. Como é a relação da redação com as universidades públicas que produzem pesquisa científica em saúde?
9. O que é pesquisa científica para você?
10. E o que é pesquisa científica em saúde para você?

Apêndice 5 – Variáveis utilizadas na linha de comando no software IRAMUTEQ

Variável	abreviação	1 – 10 (em ordem de entrevista realizada)	
Jornal	jornal_	1 - impresso	6
		2 - televisionado	4
Idade	ida_	1 - 30 a 39 anos	4
		2 – 40 a 49 anos	3
		3 – 50 a 59 anos	2
		2 - 60 a 69 anos	1
Sexo	sex_	1 - feminino	2
		2 - masculino	8
Escolaridade	esc_	1 - Ensino Médio	2
		2 – Ensino técnico	1
		3 - Graduação	6
		4 - Pós-graduação	2
Cidade	cid_	1 - Rio Claro	5
		2 - Araras	1
		3 - Piracicaba	3
		4 - São Carlos	1
Tempo de atuação na imprensa	temp_	1 - zero a 9 anos	2
		2 – 10 a 19 anos	4
		3 – 20 a 29 anos	1
		4 – 30 a 39 anos	2
		5 – 40 a 49 anos	1
Origem da formação	form_	1 – pública	1
		2 – privada	9

Anexos

Anexo I – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pesquisa científica em saúde: as representações sociais de jornalistas do interior do Estado de São Paulo

Pesquisador: VIVIAN GUILHERME MARQUES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 92754918.0.0000.5504

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.901.338

Apresentação do Projeto:

Trata de um projeto de mestrado. É uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. O referencial teórico-metodológico estará baseado na Teoria das Representações Sociais. Os participantes da pesquisa serão jornalistas que atuam em jornais impressos e/ou televisionados em cidades da região central do interior do Estado de São Paulo, que se destacam pela existência de campus de universidades públicas: Araras, Araraquara, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos. Sobre o número de participantes da pesquisa, será utilizado o método de amostragem por saturação. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com questões fechadas para traçar o perfil dos participantes com indicativos de: idade, sexo, nível de escolaridade/formação e renda e questões norteadoras. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas pelo pesquisador

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário

Analisar as Representações Sociais de pesquisa científica em Saúde de jornalistas da imprensa regional do interior de São Paulo.

Objetivo secundário

- a. Caracterizar o perfil dos jornalistas da região do Interior do Estado de São Paulo.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

- b. Identificar as fontes de informação das pesquisas em Saúde utilizadas pelos participantes.
- c. Analisar as concepções sobre pesquisa científica em Saúde e sua relação com a divulgação científica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

A pesquisa apresenta risco mínimo aos participantes que se dispuserem a participar das entrevistas. Tais como possível cansaço físico e mental, desconforto e estresse. Para minimizar tais possíveis riscos, a pesquisa prevê a realização das entrevistas no local e horário escolhidos pelos voluntários, além disso, serão determinadas poucas perguntas, a fim de facilitar a participação do voluntário e ele poderá interromper a participação a qualquer momento.

BENEFÍCIOS

A pesquisa não traz benefícios diretos aos voluntários. Entretanto, propõe benefícios indiretos, através de contribuições que a pesquisa poderá trazer para a sociedade após obtidos os resultados, no sentido de contribuir para a divulgação científica mais efetiva e segura.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Temática com relevância acadêmica e social. Método de pesquisa adequado para responder aos objetivos. Cronograma exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos obrigatórios: formulário com informações sobre o projeto da Plataforma Brasil; projeto detalhado; folha de rosto assinada pela pesquisadora e coordenadora do programa de pós graduação E TCLE. O TCLE apresenta linguagem clara e acessível; está em forma de convite; descreve que a participação é voluntária e que será garantido sigilo; apresenta os benefícios e riscos da pesquisa; consta o endereço, telefone e horário de funcionamento do CEP; consta o direito a indenização caso ocorra algum dano referente a sua participação na pesquisa e consta a informação de que a entrevista será gravada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As adequações solicitadas foram atendidas:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683	E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 2.901.338

- Foi acrescentado no TCLE o endereço, telefone e horário de funcionamento do CEP;
- Foi acrescentado no TCLE que a entrevista será gravada;
- Foi acrescentado no TCLE o direito a indenização caso ocorra algum dano referente a participação na pesquisa;
- Foi adequado os "riscos da pesquisa" de acordo como esta apresentado no projeto.

Não foi atendida apenas uma pendência, a qual diz respeito a esclarecer no projeto como será adquirido o contato telefônico e eletrônico dos participantes.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1160509.pdf	26/08/2018 17:30:15		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Final.doc	26/08/2018 17:29:29	VIVIAN GUILHERME MARQUES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	18/06/2018 23:35:31	VIVIAN GUILHERME MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.docx	17/06/2018 13:40:49	VIVIAN GUILHERME MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

<p>Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235 Bairro: JARDIM GUANABARA UF: SP Município: SAO CARLOS Telefone: (16)3351-9683</p>	<p>CEP: 13.565-905 E-mail: cephumanos@ufscar.br</p>
--	--



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 2.901.338

SAO CARLOS, 18 de Setembro de 2018

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Página 04 de 04